

Abre - te, Sésamo

(Sonetos e Poemas)

Lino Vitti

(Livro publicado em 1959 pela editora Gráfica Paulista, Piracicaba , SP. Digitalizado em 2004.)

Motes

“Porque onde está o vosso tesouro aí estará também o vosso coração”. (S. Lucas, Cap. XII- v. 34.)

*

Quid retribuam Domino, pro omnibus quae retribuit mihi?

(De que forma vos retribuirei, Senhor, os dons com que me cumulastes?)

*

Que estas páginas sejam o penhor de minha profunda gratidão!



O Autor, em foto da época

DEDICATÓRIA

À minha esposa,
Dorayrthes;

às minhas filhas,
Angela Antônia, Dorinha Mirian,
Rosa Maria, Fabíola.
Hoje (2004) mais Lina,
Rita de Cássia e Eustáquio.

aos meus pais,
José e Angelina;

aos meus irmãos,
Guilherme, Edwirges, Walter, Padre Arthur,
Áurea, Odete, Ester, Antônio, Marta,
Policarpo e Geraldo (falecido),

dedico este livro, de todo o coração.

AOS LEITORES

Esperamos que esta nossa estréia no mundo dos livros encontre ressonância na alma dos benévoloos leitores. São versos de todos os tempos, compostos sob as mais variadas impressões e em diversos ambientes.

Dar-nos-emos por bem felizes se não vos decepcionarem, bondosos amigos, a quem pedimos benevolência para as humanas imperfeições, que a vossa perspicácia e inteligência, decerto, descobrirão.

Apesar da nossa boa vontade, conspiraram contra nós muitas circunstâncias, obrigando-nos a incluir, no verso desta página, uma antipática “ERRATA” dos mais graves senões. E por toda essa vossa boa vontade, profundamente agradecemos.

(NOTA DO AUTOR, em 2004: Esta singela advertência sobre a Errata constou do livro, originalmente, mas hoje não se justifica, pois atualizamos a grafia, a acentuação atuais e outras modificações que surgiram após a publicação do livro.)

ESCLARECENDO (em 2004)

Dizem que a idade além dos 80 empurra o homem a retornar aos dias pretéritos, uma volta talvez à infância ou juventude, onde possivelmente o velhote teve dias marcantes, dias de felicidade, dias belos e valorosos. Dia marcante para mim, o melhor ano marcante, foi aquele em que tive em minhas mãos o primeiro exemplar, do meu primeiro livro de poesias, chamado “Abre-te, Sésamo” exatamente porque considerava-o eu uma abertura para o mundo da arte poética, como depois de fato aconteceu, chegando a sete o número de livros de poesia editados por mim. Entendia eu ainda, como estreante cheio de coragem e ânimo para partir a outras aventuras líricas, que todo livro de poesia é uma imensa gruta recheada de tesouros, como tesouros são versos e rimas, estilos e modos de poetar. E à voz do “Abre-te, Sésamo” da lenda cada livro se abria para mostrar lá no seu âmago os tesouros dos poemas, a riqueza das rimas e das métricas, os encantos dos tropos poéticos, despertando a admiração e o desejo daqueles todos que se aventurassem a bradar, diante da capa de um novo livro de poesia a famosa exclamação “Abre-te”!

Ora lá se vão 45 anos do, para mim histórico e feliz acontecimento, do lançamento do meu primeiro livro, tempo mais que suficiente para se ter saudade. E por causa dessa saudade e porque sei que muitos amigos e amigas estão sequiosos para saber o que haveria dentro do “Abre-te, Sésamo” estreante de um poeta vindo da roça e galgando às

culminâncias de “Príncipe dos Poetas Piracicabanos”, decidi, “antes que as estrelas brilhem” aproveitar a tecnologia avançada dos tempos – a computadorização e a internetização – com a ajuda importante e fiel de Rita e neta Alessandra – para reproduzir e fixar na memória do instrumento do século, o livro saudoso e longínquo “Abre-te, Sésamo”.

Como disse, para matar-me a saudade e dar alegria poética a alguns e algumas colegas que não tiveram possibilidade de ler o livro, pois nem sequer nascido haviam.

Obrigado às improvisadas editoras e aos e às que tiveram possibilidade de enveredar por estas páginas.

À GUIA DE PREFÁCIO

UM POETA PIRACICABANO

Artigo do Prof. Silvio de Aguiar Souza, publicado
no *Jornal de Piracicaba*

Há bastante tempo que nos vem despertando a atenção um moço piracicabano de excelentes dotes de espírito, e que, como poeta, tem se revelado de uma sensibilidade rara para nossos tempos, manejando a bela arte da poesia, que imortalizou tantos homens. É que a cultura das musas, hoje em dia, tendo passado para esta “AGITAÇÃO SEM GLÓRIA DE TRAFICÂNCIAS E MESQUINHARIAS”, como eloqüentemente disse o grande vate que foi Bilac, no seu maravilhoso soneto “Sonho”, está relegada ao segundo plano, assim como a da língua portuguesa, corrompida e abastardada por uma era em que a moralidade e a decência se apagam do seio das multidões e dos indivíduos. Refiro-me a Lino Vitti, esse moço nascido aí mesmo, no bairro de Santana, em 1.920, filho de José Vitti, de ascendentes austríacos.

Tendo feito as primeiras letras no Grupo Escolar do mesmo bairro, prosseguiu seus estudos no Colégio Santa Cruz, da vizinha cidade de Rio Claro, onde, furtivamente, cultuava Erato, por lhe ser, ao certo, vedada essa expansão da alma em tal ambiente.

Mas as tendências naturais e espontâneas de um coração não podem caber no silêncio das grades de seu tórax: e explodem, inflamam-se, rebentam, e, uma vez conquistada a liberdade, há um transbordamento de maravilhas, numa inundação de sensações que, muitas vezes, pensamos tratar-se de forças que o Além nos envia para acoroçoar-nos à luta e desenvolver nossas virtudes latentes.

E é sempre assim. O poeta é um iluminado, porque não existe, em linguagem falada ou escrita, arte que melhor e mais eloqüentemente possa refletir todas as subtilezas e maravilhas da alma humana.

Um simples soneto imortaliza um homem, como imortalizou Bocage, Camões, Bilac, Raimundo Corrêa, Cruz e Souza, e milhares de outros poetas cujos nomes gravamos em nossos corações.

Bocage foi um perdulário, mas, se vivia isolado no lodo, quando à tona vinha, “cheias as mãos de pérolas trazia” conforme a vibrante expressão, ainda de nosso amado Bilac, no soneto que ao mestre dedicou:

*“Tu, que no pego impuro das orgias
Mergulhavas ansioso e descontente
Mas quando à tona vinhas de repente
Cheias, as mãos, de pérolas trazias!”*

Eu gosto dos poetas, especialmente quando são revelações como Lino Vitti. Silenciosamente, quase ocultamente, vem incensando a sua musa em uma série de sonetos à qual se poderia chamar de “Bucólicas”. Estampou estes ensaios de Uno Vitti o “Jornal de S. Paulo”, um dos

melhores diários da imprensa paulistana, na secção reservada ao interior. E fê-lo muito bem. Ambos estão de parabéns, porque o incipiente poeta piracicabano nada fica a dever ao “JORNAL” pelo magnífico trabalho que vem realizando, a bem das boas letras, da velha arte sadia e harmônica dos velhos e bons tempos idos e vividos!

Hoje em dia, com raras exceções, a poesia sensaborona caminha com o atrito dos gasterópodes, rastejando no solo, na lama de sua própria baba.

Tiremos Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, dois gigantes capazes de todas as maravilhas, e o incentivo à mocidade se esbarra com a mais caótica anarquia, porque poucos conseguem empolgar e convencer nos novos moldes a que se apegam a arte de Erato ou de Castália.

Eu, ainda, prefiro as velhas formas surradas e usadas, quando minha imaginação, imperceptivelmente, se dirige para a velha estrada da arte. Só então é que descortino maravilhas e eu respigo, aqui e ali, as pérolas deixadas atrás por esses semeadores idealistas e sonhadores que já não mais existem e que faziam da boa poesia a gôndola de seus sonhos e amores.

Lino Vitti publicou, há dias, um soneto, para o qual eu chamo a atenção dos mestres das belas letras. Este, por exemplo, poderia ser subscrito pelos mestres de outros tempos, sem favor nenhum. É o “Veleiro do amor”:

(ver abaixo, p. 30)

Veja-se a seqüência, o encadeamento das idéias, a alegoria perfeita, integral, deste decassílabo, e creio que,

dentre os que entendem do assunto, não haverá uma só discrepância quanto à sua perfeição. Digo “dentre os que entendem do assunto” porque quem não entender, não meta a sua colher torta, fazendo personalismo e não critica sincera, leal, de um trabalho que, em si, encerra tanta subtileza!

Isto, quanto à idéia. E, quanto à forma, tem rimas boas, métrica perfeita, correção impecável, o que vem provar que Lino é conhecedor da língua, do seu mecanismo e sintaxe, sem os quais, a poesia pecará pela base.

Outros trabalhos de Lino Vitti: “Fazenda”, “Porteira Antiga”, “Sol a pino”:

(ver abaixo, pp. 176, 38, 20)

É com prazer, pois, que registro o caso extraordinário de aparecer mais um poeta no cenário artístico de Piracicaba. Ao lado deste, Fábio Rodrigues Mendes é, também, uma boa, grande promessa.

Revivamos, pois, um pouco de idealismo sadio nos corações destes dois rapazes, e esse movimento deve ser amparado pela imprensa piracicabana em secção adequada. Penso, aliás, a iniciativa produzirá bons frutos, de vez que haverá incentivo, sem a necessidade de os moços irem buscar, por fora, o que aqui mesmo possuímos, isto é, um lugar ao sol, num ambiente próprio para estenderem as asas de seu estro e galgarem as culminâncias a que fazem jus.

Vejam-se Piracicaba algum dia, deixará de ser madrasta detestável, pois não precisamos ter olhos de mãe amorosa para vermos em Lino Vitti uma grande promessa para as letras piracicabanas. isto é, numa época de tamanha

decadência moral e intelectual, em que a boa música se acha transformada no “snobismo” intolerável do “jazz”, irradiado aos quatro cantos do universo; a poesia, reduzida à expressão mais simples nos versejadores improvisados e a literatura (ai, meu Deus!) abastardada por um falso delírio de brasilidade preconizado por uns homens que aconselham a língua “brasileira” e escrevem português castiço!

“Língua brasileira? Só para os trouxas”, pensam lá, eles, rindo furtivamente. Mesmo porque, não existe! Apertamos a mão a Lino Vitti, animando-o a que prossiga serenamente na bela arte que rebenta de sua alma; com espontaneidade natural que se observa.

E aqui estou às suas ordens!

*

NOTA DE LINO VITTI: Este Prefácio do querido Prof. Silvio de Aguiar Sousa, publicado no *Jornal de Piracicaba*, foi por mim aproveitado, com autorização do autor, para apresentação do livro. Conserva a grafia original.

Nota do preparador desta versão eletrônica: Não foi possível assegurar a manutenção da ortografia original. A numeração das páginas dos sonetos preserva a da versão reimpressa em 2004.

ÍNDICE

Motes	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AOS LEITORES	iv
À GUISA DE PREFÁCIO	vii
ÍNDICE	xii
A MINHA ESCOLA	19
SOL A PINO	20
MAIO	21
O SINEIRO	22
NA MORTE DE UM ANJO	23
JUDAS.....	26
TARDE PIRACICABANA.....	27
O ENCONTRO	28
VELHINHAS REZADEIRAS	29
VELEIRO DO AMOR.....	30
FAZENDA NATAL.....	31
O ETERNO ASSUNTO – FELICIDADE.....	36
PEQUENO ABANDONADO.....	37
PORTEIRA ANTIGA.....	38
TANQUE DELICIOSO	39
AS DUAS BORBOLETAS.....	40
A PROCISSÃO	41
ROSARIO DE PERDÕES	43
BORBOLETA MORTA.....	44
O SITIO ONDE NASCI.....	45
O TREM PASSA.	48
AOS VELHINHOS DO ASILO.....	49

ANGÚSTIA CREPUSCULAR.....	52
NO CUME.....	53
A ETERNA PALHAÇADA.....	54
LÂMPADA DO SACRÁRIO.....	55
TARDE CHUVOSA.....	57
A CIDADE DA RELVA	61
POEMA IMPRESSIONISTA.....	63
PARTIDAS ILUSÓRIAS.....	65
DESEJO BUCÓLICO	66
ATUALIDADE.....	67
CONTRASTE DE NATAL.....	68
DOMINICAL	69
AGOSTO.....	71
PERDULÁRIO.....	72
CUMPLICIDADE.....	73
OTIMISMO.....	74
IN FINE.....	75
A DERRUBADA.....	76
AS QUEIMADAS.....	77
RELÓGIO DE TORRE.....	78
SAUDADES.....	79
SEM AMOR.	84
A JURITI.....	85
A PAINEIRA.....	86
O DESEMPREGADO.....	87
IPÊ AMARELO.....	88
O SABIÁ	89
CANUDO-DE-PITO.....	90
HISTORIETA.....	91
O LAVRADOR.....	94

NOSTÁLGICO.....	95
CLAUSTRO.....	96
CARRO DE BOIS.....	97
DO MEU ESCRITÓRIO.....	98
MOMENTO CURTO.....	99
ÚLTIMO PÉ DE CAFÉ.....	100
NATAL	101
COMO DEVE SER	103
TARDE MUSICAL.....	104
ILUSÓRIA ESTRADA.....	105
LAGO.....	106
PALAVRA MÁGICA.....	107
MOLDURA NOTURNA.....	108
“LUX HOMINUM”.....	109
DOCE, DOCE POESIA	110
SOFRER.....	111
OLHARES.....	112
QUANDO FORMOS VELHINHOS.	113
MATINAL URBANO.....	114
“AMOR VERUS”	115
BANCO DE JARDIM.....	116
O CASULO.....	117
O FALSO JULGAMENTO.....	118
ALMA DA RUA.....	119
TOCO DE CIGARRO.....	120
O MEU ROMANCE.....	121
DE VOLTA	123
FIM DE RUA.....	125
VALE A PENA?.....	126
FRATRICÍDIO.....	127

CRIANCINHA SEM LAR.....	128
O POSTE.....	129
VAGALUMES.....	130
TRISTEZA CREPUSCULAR.....	131
ASSALTO.....	132
O MENDIGO.....	133
PEQUENA TRAGÉDIA.....	134
O PRANTO.....	135
INFÂNCIA.....	136
DOMINGO.....	137
NOITE CAMPESTRE.....	138
VELHO CASARÃO.....	139
INDELÉVEL RETRATO.....	140
RECORDAR.....	141
SAUDADE CREPUSCULAR.....	142
AMÉRICA.....	143
“MEZZO GIORNO”.....	144
NO HORTO.....	145
“STELLA MATUTINA”.....	146
O POETA.....	147
IGREJINHA NATAL.....	148
TAPERA.....	149
NOTURNO.....	150
APÓS TRÊS DIAS DE CHUVA.....	151
VENDEDOR DE PINHÃO.....	152
PAINEL EVANGÉLICO.....	153
RUÍNAS.....	154
MANHÃ FAZENDEIRA.....	155
HIBERNAL.....	159
FINADOS.....	160

A ESMOLA.....	161
PRIMEIRA COMUNHÃO.....	162
RIACHUELO.....	163
QUEM PASSOU PELA VIDA E NÃO FOI MOÇO.....	164
ANDROFOBIA.....	165
“MATER DOLOROSA”.....	166
DOIS QUADROS.....	167
POR QUE TEMER?.....	170
O JOÃO BAIANO.....	171
RECORDAÇÃO PUNGENTE.....	174
LETREIROS.....	175
FAZENDA.....	176
MANGUEIRA SAUDOSA.....	177
CANÇÃO PLUVIAL.....	181
PEDAÇO DE ALMA.....	182
ESTRELAS.....	183
MORADIA SAUDOSA.....	186
POEMA BÊBADO.....	187
PEREGRINO.....	190
PALESTRANDO NA TARDE.....	191
PALMEIRAS DO JARDIM.....	194
ANDORINHA SOLITÁRIA.....	195
O PAPAGAIO.....	196
BERÇO.....	197
MANHÃ CAIPIRA.....	198
SERENATA AMOROSA.....	199
DIA TRISTE.....	200
EM JUNHO.....	201
PEREGRINANDO.....	205
O RIACHO.....	208

SOB O POMAR.....	209
RECALCAMENTO	211
PER ÁSPERA.....	213

Abre-te, Sésamo

A MINHA ESCOLA

Eu não sou o poeta dos salões
De ondeante, basta e negra cabeleira.
Não me hás de ver, nos olhos, alusões
De vigílias, de dor e de canseira.

Não trago o pensamento em convulsões;
De candentes imagens, a fogueira.
Não sou o gênio que talvez supões
E não levo acadêmica bandeira.

Distribuo os meus versos em moedas
Que pouco a pouco na tua alma hospedas;
Raros, como as esmolas de quem passa.

Mas hei de me sentir feliz um dia
Quando vier alguém render-me graça
De o ter feito ricoço na poesia.

SOL A PINO

Profuso o sol caustica a natureza
E, no ar, treme irisada ofuscação
Qual se a paisagem se encontrasse presa
Em gigantesca bolha de sabão.

Pesadamente cai sobre a devesa
O torpor formidando da estação.
E, ao longe, a areia branca põe, acesa,
Revérberos de luz pelo estradão.

O silêncio acolheu debaixo d'asa
As dependências todas da vivenda
Donde nenhuma fala se extravasa.

Verão. . . Mas, de repente, em algazaras
Acodem os meninos à merenda
E o pomar rompe um coro de cigarras.

MAIO

Mês de maio. Nas glórias matutinas
A manhã – faces rubras de arrebol -
Compõe o véu de tule das neblinas
Para tomar a comunhão do sol.

Em cada copa, vozes peregrinas,
Uma orquestra de pássaros de escol.
E o orvalho – todo velas pequeninas,
Tremeluz pelos fios de aranhol.

Sob a unção tropical, pia e vermelha,
A manhã comungante se ajoelha
À espera que, em caudal, a luz borbote.

Já se abrem, qual sacrário, os horizontes,
Fulge a Hóstia do sol entre dois montes,
Como suspensa em mãos de um Sacerdote.

O SINEIRO

Há quantos anos já, talvez da infância,
Era ele o único dono desses sinos
A derramar na aldeia e na distância
A música profunda de seus hinos.

Lindos noivos que unissem seus destinos,
Enterros, batizados de elegância,
Lá estavam badalando (que constância!)
Seus dobres ou repiques cristalinos

Num dia todo azul e ensolarado
Morre o velho sineiro. . . Já o cortejo
Passa em frente da torre do povoado...

Mas, oh! Contraste! Os bronzes em troféu
Rompem os ares em triunfal harpejo!...
É que a alma do sineiro voara ao céu!

NA MORTE DE UM ANJO

Hoje está um tanto triste a minha rua,
Beija-a um sol atacado de anemia.
Uma quietude lívida flutua
Como um véu de lirial melancolia.

Não percebo, lá fora, nenhum grito
Da criança a brincar pelas sarjetas.
Mas eu pressinto um não sei quê de aflito,
Sorvo um olor defunto de violetas.

Quando fui à janela vi coroas
Com letras de ouro sobre longas faixas.
E pude divisar muitas pessoas,
Trajes negros, caladas, cabisbaixas.

Meu Deus! Por que. . . por que vão todas
Parando, entrando pela mesma porta?
A porta da vizinha?. . . Haverá bodas?. ..
Oh! não. . . é a menininha que está morta. . .

É preciso que eu vá, preciso vê-la.
Coitada, ela foi sempre tão boazinha.

.....
A palidez da matutina estrela
Cobria as faces da amiguinha minha.

Um nó de pranto veio-me à garganta,
Bailou-me sobre os olhos indeciso.
Ela estava, porém, tão linda e santa
Que tinha inda nos lábios um sorriso!

E quase a minha dor não se conforma
Por toda essa crueldade do destino,
Lançando assim a sua infausta norma
Contra um ente tão puro e pequenino.

Entre os buquês e a vaporosa veste
Toda de branco como um casto lírio
Mais parecia uma visão celeste
Prestes a erguer o vôo para o empírio.

As lágrimas maternas são diamantes
A estrelejar-lhe o pequenino esquife.
Entre todos os prantos circunstantes,
Talvez, o único pranto não patife.

O enterro foi à tarde. Longas filas
De crianças em bonita procissão.
Via-se o luto nas joviais pupilas
E a dor pulsava em cada coração.

O caixãozinho, branco como a neve,
Atrás de todos, carregado a passo,
Ia seguindo tão macio e leve
Qual se plumas levasse no regaço.

Curiosa e triste toda a vizinhança
Afluiu à janela – o rosto sério -
Para ver essa pálida esperança
A caminho feral do cemitério.

Os sinos das igrejas nos seus dobres
Puseram notas de delicadezas.
Sempre assim dobram quando é para os pobres
Pois não lhes querem aguçar tristezas.

“Papai! Mamãe Oh! nunca mais. Oh! Nunca!
Adeus” – dizem os bronzes compassivos.
“Ela se foi, ceifou-a a morte adunca,
Jamais haveis de vê-la dentre os vivos”.

E eu jamais hei de ouvir as vozes dela
No meio de outras crianças, na calçada;
De certo há de, no céu, estar mais bela
Entre os anjinhos da eternal morada.

JUDAS

Pálido, a cabeleira em desalinho,
Olhar de desespero, frio e agudo,
Aproxima-se Judas, de mansinho,
E oscula o Mestre:- “Mestre, eu te saúdo”.

E a pedra, e o inseto, e a planta, e a flor, e o espinho;
Jerusalém, a terra, o espaço. . . tudo
Horrorizou-se estupefato e mudo
Ante a hediondez de beijo tão mesquinho.

Mas Jesus, o “Agnus Dei” humilde e quieto,
A transbordar de compaixão e afeto
Pondo na face um resplendor celeste,

Deixa pousar o seu olhar sagrado
Sobre o olhar do traidor envergonhado
E. diz-lhe ainda:- “Amigo, a que vieste?!”.

TARDE PIRACICABANA

Entardecer. Tremeluzindo de ânsia
Vai se apagando a luz nas clarabóias.
E as serras espichadas a distância
São monstras e graníticas jibóias.

Nuvens feitas de rútila substância
Navegando no céu são grandes bóias.
Vêm-nos, então, recordações da infância
Que nossa alma guardava como jóias.

Refresca. Vem de longe, vagamente,
O soturno rumor do salto enorme.
A brisa, de mansinho, passa o pente

Nos canaviais longínquos. . . Uniforme
Desce a sombra. . . e a cidade, lentamente,
Põe vigias elétricas. . . e dorme.

O ENCONTRO

Exausto e chicoteado pelo bando
Caindo várias vezes na subida
Atravessa a cidade, Cristo, quando
Avista, numa volta, a Mãe querida.

No olhar dela, tristonha e comovida,
São pérolas as lágrimas brilhando.
O Dele é tão profundo e venerando
Que dor ali ocultar-se se duvida.

Os algozes, porém, feros e brutos,
Não Lhe dão nem sequer esses minutos
Onde alívio, talvez, fosse encontrar.

E o Mártir recomeça a sua viagem,
Mas carregando no íntimo uma imagem,
Deixando o coração naquele olhar.

VELHINHAS REZADEIRAS

Solitárias velhinhas, que passais
Sob a terna carícia do poente,
Aureoladas de luz e bons ideais,
Que buscais, nesse passo, diariamente?

Lábios trêmulos, que é que murmurais?
Que vos anima o coração tão crente? . .
Ah! já sei. . . já ouço os sons dominicais
Dos sinos, musicando o quieto ambiente.

Já o altar deve estar entre esplendores,
Em alvuras macias de toalhas,
Num êxtase de velas e de flores...

Apressai-vos, velhinhas, que o órgão canta,
Que já, entre incenso e brilhos de medalhas,
O padre e o povo adoram a Hóstia Santa. . .

VELEIRO DO AMOR

Coração, pobre barco aventureiro,
Pelo oceano do amor, toma cautela.
Pode surgir o vendaval traiçoeiro
Que te estraçalhe e te arrebate a vela.

Perscruta o rumo. Sobre o mar inteiro
Se prepare, talvez, atroz procela.
Busca horizontes claros, meu veleiro,
Onde o sol brilha e o mar não se encapela.

Não te faças ao largo em demasia
Que pode vir a noite e as trevas – zás -
Podem roubar-te a luz que te alumia.

E então, sem rumo, sem farol, sem paz,
Talvez não possas mais voltar, um dia,
À doce praia que deixaste atrás.

FAZENDA NATAL

(À moda de Paulo Setubal)

Num alto sereno e claro,
Lustroso ao sol qual verniz,
Somente agora reparo
Que fica o trecho mais raro
Do meu querido país.

Só agora é que verifico
Toda a beleza que tem.
E quase me beatifico
Ante recanto tão rico
Que os meus olhares revêem.

Na paz singela e discreta
De um quarto do casarão,
Eu vim no mundo, poeta,
O pobre e mísero esteta
De versos que sou então.

Asseada, toda branquinha,
De um lado a escola se vê.
Foi nela, com “Nhá Zefinha”,
A meiga professorinha,
Que eu aprendi o “abecê”.

Perto da cerca, sombreando
O fundo ali do quintal,
Eternamente ciciando
- Marulho longínquo e brando -
Frondeja o verde bambual.

E fica, do lado oposto,
Repleto de par em par,
Cheirando a espigas e a mosto
O velho paiol. . . Que gosto!
Tão cheio, quase a estourar!

Sob o pomar, como é belo,
Que delicioso frescor!
Nas frondes, que olor singelo,
Onde irisado cuitelo
Volita de flor em flor!

No outono, que gostosura
[]e frutas em profusão!
Que gulodice e doçura!
Mais doce que rapadura
(Perdoando a comparação)

O poço de sob o rancho,
O galinheiro, o curral.
E além, num mourão, muito ancho,
Um carnicheiro carancho
Espreita os bois. . . e o pombal.

Troncos imóveis, em fila,
Pelo declive do val,
Semeando sombra tranqüila
Se o sol na altura cintila,
Despenca-se o eucaliptal!

Por entre as frondes, à sesta,
Zunem insetos sutis.
E, às vezes, rompem em festa,
Depois de chuva funesta,
Sanhaços e bem-te-vis.

Abaixo, beirando o rumo
Do sítio de “seu” Natal,
Perto da roça de fumo,
Com folhas novas a prumo
Alastra-se o bananal.

Dá ganas que não aturo,
Junta águas no paladar,
Lembrando um cacho maduro
Oculto no verde-escuro,
Difícil de se encontrar.

E a velha estrada que corta
O sítio, em curvas, à toa,
Parece, vermelha e torta,
Enorme, esquisita aorta
Do seio da terra boa.

Outrora sim, veia estranha,
Com carros descomunais,
Levava, em golfões, na entranha,
Toda a riqueza da apanha -
O sangue dos cafezais .

Hoje por ela, carroças
Transitam, raras, e só.
Bordejam-na extensas roças,
De quando em quanto, palhoças,
E ruivas nuvens de pó.

Não pensem se disse outrora
Que foi há muito, talvez,
Tinha doze anos, e, agora,
Não pondo nenhum de fora
Eu devo ter trinta e três. (N.B – o livro foi escrito em
1959)

Reparem: toda essa terra
De barrocais e espigões
Até pertinho da serra
(Se a minha mente não erra)
Floriu em ricos talhões.

Adiante, na encruzilhada,
A capelinha traduz
Assim de novo caiada
Recordações da passada
Festança de Santa Cruz.

Quem nunca a apreciou ainda
Vá lá, vá ver o que é.
A festa mais rara e linda
Que sempre inicia e finda
Num tremendo racha-pé.

Gemem sanfonas e violas -
Alma de todo o sarau.
E no tropel que rebola
Não faltam as “Nha Carolas”
Ao lado do “Seu Nhô Lau”.

Mas, minha pena, descanse,
Por ora, deste labor,
Pois que a matéria é do alcance
De um volumoso romance
Que não sabemos compor.

Depois, talvez, se a memória
Não nos faltar na ocasião,
Contaremos toda a história
Dessa fazenda que é glória
Dos tempos da escravidão.

O ETERNO ASSUNTO – FELICIDADE

Não saíamos, como outros loucamente
Por caminhos estranhos, à procura
Dessa visão romântica – a ventura -
Que seduz e que engana a muita gente.

Nem um passo sequer demos à frente;
Nem um gesto sequer, que essa criatura,
A um tempo nos alegre e nos tortura
E nos diz a verdade quando mente.

Não, não sair, Melhor será esperá-la.
E se um dia vier, por um momento,
Bater à nossa porta entrar deixá-la.

Porém, muito cuidado e ouvido atento:
Nada de acreditarmos no que fala,
Pois que tudo é fugaz encantamento.

PEQUENO ABANDONADO

Às soltas, pela rua, sujo e roto,
Quase triste no olhar, quieto e franzino,
Vejo-o sempre passar, pobre garoto,
Folha atirada ao rio do Destino.

Às vezes sério e bom; outras, maroto.
Agora serviçal; depois, mofino.
E fuma, e briga, e, esperto e muito afoito,
Não recua, não teme, esse menino!

Tendo povoada de contrastes a alma,
Ora em revoltas, ora doce e calma,
Rola, sem rumo, ao látego da sorte.

Mais tarde, que será do infelizardo?
Cidadão, assassino, gênio ou bardo?
Ou um Dimas, talvez, na hora da morte?

PORTEIRA ANTIGA

Era ali, na saída do terreiro,
Ignoto Prometeu, preso aos mourões,
Que a porteira abre e fecha o dia inteiro,
Jeremiava cruéis lamentações.

Uma tropa, um estranho caminheiro,
O coche, o altivo coche dos patrões.
Um carro gemebundo, um cavaleiro,
Escravos, e, do vento, os safanões.

Ao “nhééé” chorado respondia um “bá”
Num baque dolorido de cansaça,
No mourão grosso de jequitibá.

Porém, jamais como ela houve porteira
E, como ela, jamais outra haverá,
Assim bondosa, e franco, e hospitaleira.

TANQUE DELICIOSO

Sob a arcada pacífica da mata
O tanque pensa cousas espelhantes,
Dando, no fundo, às copas que retrata,
A visão de fantasmas vacilantes.

Arcoirizam-se círculos ondeantes
Na polidez da superfície-prata.
Há folhas por minúsculos mercantes,
Liliputianas barcas em passeata.

Há cochichos de flores e de vespas,
De gnomo escondidos nas corolas,
De impossíveis clarins, líricas violas.

E singrando de leve as águas crespas
Surge improvisamente, silencioso,
De patos, bando altivo e majestoso.

AS DUAS BORBOLETAS

(Meu Deus, meu Deus, são duas borboletas!)
(C. Abreu)

Um sol, genuinamente brasileiro,
Tropicalmente luminoso e imenso,
Borrifou, caprichoso, o campo inteiro
E as flores bebem luz num hausto intenso.

As borboletas, voando em galhofeiro
Bando, bebem-lhes mel, o mel e o incenso.
Mas uma é tão azul, azul, que penso
ter saído de dentro de um tinteiro.

E é essa justamente que a menina
Borboleteando, em vão, rica de gosto,
Tenta apanhar, e corre, e desatina.

Mas a outra, asas mais leves, mais fugaces,
Vai pôr-lhe um beijo rápido no rosto,
Supondo sejam flores suas faces.

A PROCISSÃO

Hoje é dia de festa na cidade.
Desde cedo há repiques... dlim... dlém... dlom...
E a criançada na sua alacridade
Bate palmas de gozo e ingenuidade:
“Hoje tem procissão... que bom... que bom!”

As esquinas estão “assim” de gente!
Vai passar, à tardinha, a procissão...
Já vai chegando, vagarosamente,
Tranqüilamente, majestosamente,
Com círios a luzir, em profusão.

Que curiosa impressão a dessas velas,
Duas a duas, marchando, devagar;
Lembram duas fileiras paralelas
De postes que acendessem suas tochas amarelas
E saíssem, depois, a desfilar!

É noite, agora, noite quase fria.
Por que as estrelas que o infinito encerra
Desceram todas da azulada via
E vieram postar-se em romaria
Numa longa via-látea aqui na terra?

Caíram todas como por encanto
No pavio das velas das velhinhas
Dessas velhinhas boas, de olhar santo,
Que estão sempre a rezar, que rezam tanto,
que estão sempre a dizer Salve-Rainhas?

Vamos lá em cima. Que grandioso, veja!
É um rio líquido de luz rolando,
Cuja nascente é a porta de uma igreja;
Abraça os quarteirões de espuma luminosa,
silenciosa;
Corre as ruas; de novo se despeja
Pela mesma porta grande e generosa
donde saiu, cantando.

Veja os marianos com sua larga fita,
Os anjinhos, agora, de asas alvas;
As filhas de Maria, na alvura mais bonita,
Vêm mulheres, depois, vestindo chita,
E, enfim, os homens com suas testas calvas.

Dentro da igreja, sim, tudo está lindo!
O vigário saiu todo de novo!
O órgão canta baixinho, diminuindo,
E a Virgem mãe, do altar, está sorrindo,
Enquanto o sacerdote abençoa o seu povo.

ROSARIO DE PERDÕES

Entre os gritos brutais da alucinada plebe,
Depois de pronunciada a sentença fatal;
Sob o guante do insulto e alarido infernal,
Cristo, calado e bom, a Sua cruz recebe.

Recebe-a com carinho amigável, leal,
Num abraço de amor, pois nessa cruz percebe
O fim de Sua missão – grandiosa e divinal -
Fonte de salvação onde nossa alma bebe. .

Pisa-lhe, agora, o lenho os ombros doloridos,
Vacila, por momento, os passos; entretanto
Cai sobre Ele o azorrague em golpes repetidos.

E em cada aguda pedra ao longo da subida
vai brotando uma flor de sangue sacrossanto,
Vai ficando o perdão à gente que O trucidou.

BORBOLETA MORTA

Encontrei-a abatida na calçada
Aos pés indiferentes e cruéis
Dos transeuntes, por eles repisada,
Por sua estupidez de serem pés.

Foi perfume, foi pétala extraviada,
Foi faísca de sol pelos painéis.
Foi adejo de luz na madrugada,
Pedaço de inocência dos vergéis. .

E agora?. . . Nunca mais pela alameda
Carregada de flores, nem repletas
De pólen, adejar asas de seda.

Agora o pó. . . Mas desprezada, abjeta,
Talvez inda reavives cinza queda
De alguma fantasia de poeta.

O SITIO ONDE NASCI

Nasci num sítio cheio de mangueiras
No pomar.
(Eu não tenho vergonha de o confessar.)
Havia perto a fazenda de Santana
Alastrando casas desperdiçadamente
Nas fraldas da colina bem em frente.
De manhã cedo quando me levantava
E ia à janela,
Em desordem postadas as casas esparsas
Pareciam-se bem com um bando de garças
Que tivesse pousado no meio das copas,
Imóvel,
No dilúvio do banho matinal
E universal
Da luz do sol.

A casa onde eu morava era no cocuruto,
Na nuca alta de outra colina.
A chaminé esguia imitava um charuto
Baforando fumaça lá pra cima.
A casa onde eu morava
Andava ao sol o dia inteiro,
No terreiro,
De braços dados com a escola de papai.
E eu armazenava no meu peito
Um certo orgulho altivo e prazenteiro

Quando alguém me dizia: “ai,
Tudo isso é de seu pai?!”.

Os eucaliptos desciam pela encosta
Num atropelo de troncos escamosos,
Sustentando no cimo a copa em flecha
Que deixava escoar, brecha por brecha,
Uma chuva luminosa de raios luminosos.
No estio, havia aqui tantas cigarras
Embalando o meio-dia preguiçoso,
Com suas cantilenas bárbaro-bizzarras,
Que eu supunha que cada tronco esguio
Tivesse uma cigarra em todos os seus nós!
Ou que cada folhinha viridente
Tivesse, internamente,
Aguda voz.

E os laranjais!
E o bananal lá embaixo
Com as folhas em faca contra o céu!
E o cafezal na procissão eterna pelas encostas!
E o paiol velho cuspindo espigas pelas fendas!
E os terreiros que no tempo da colheita,
Quando enxutos,
Secavam camadas grossas de café.
Quando a chuva, porém, os ensopava
O pessoal, depressa, o enfileirava
Em montes aguçados como tendas!
E o pasto, as roças. . . e as estradas. . .
E, ao longe, serras, serras azuladas,

Que desejei tantas vezes conhecer.
Azuis, como eram azuis os castelos ideados
Na minha cacholinha infantil
Sedenta de saber.
Serras que limitavam o meu mundo,
Interrogando o horizonte anil:
“Que haveria além, além?. . . “
Anseio profundo...
O sítio onde nasci!

O TREM PASSA . . .

Dorme o cenário. . . Dorme ou talvez pensa
Sob a quietude astral do céu?. . . Um grito
Apunhala de súbito o infinito
E um farol rasga a noite funda e densa.

E o trem passa assobiando o agudo apito,
Arrastando, a bufar, a cauda imensa.
Rangendo as rodas num rodar aflito
Corre. . . e já some sem que nada o vença.

É uma carreira doida. . . O monstro de aço
lá vai fugindo, devorando o espaço,
Numa bárbara aposta quilométrica. . .

Engoliu-o a distância. . . e, novamente,
Paira sobre a paisagem inconsciente
Uma vaga tristeza, grande e tétrica. . .

AOS VELHINHOS DO ASILO

Brancos velhinhos, em cuja face
As rugas contam alguma coisa,
Como se nelas se retratasse
A dor que dentro de vós repousa;
Brancos velhinhos, como vos quero,
Trago-vos todos no coração!
Tende certeza, pois sou sincero,
Sou de vós todos também irmão!

Eu sei que a neve de vossas fronteiras
É a neve triste das ilusões!
Em vossos olhos vejo horizontes:
São de poentes, finais clarões!
A vida foge, já foge a vida,
A noite fria já se aproxima;
Já vejo acenos de despedida
Para este amigo que vos estima!

Porém na estrada que palmilhastes
Com a coragem dos caminheiros,
Os nobres gestos que praticastes
Irão ficando como luzeiros.
E uma palavra de vós brotada,
De ensino ungida, toda bondade,
Terá fulgores de uma alvorada
E será um sol para a mocidade.

Esse retiro que vos esconde
Do mundo mau, vil e escarninho,
Guarda as carícias de imensa fronde,
O calor guarda de imenso ninho.
No mundo existem duros olhares
Que só derramam negra maldade,
Porém existem, também, milhares,
Que vos cumulam de caridade!

Há muitos homens (oh! covardia!)
Que se envergonham de vos amar,
Cujas mãos ímpias sequer um dia
Se abriram, ternas, para esmolar. . .
Contudo há outras que até parecem
Ter sido feitas de seda e arminho,
Pois tanto amparam aos que padecem;
E são tão boas para os velhinhos

Quanto sossego no vosso abrigo
Longe do inútil bulício humano!
Tendo o silêncio por caro amigo,
Ali, convosco, não mora o engano.
Só a quietude desse remanso,
Abrindo as asas dos grandes tetos,
A paz habita, mora o descanso,
E, das saudades, sois os diletos.

Cofres de sonhos já destruídos
E de esperanças já naufragadas;
Cá fora, o mundo com seus ruídos,
E vós, lá dentro, tão sossegados!

Porém, às vezes, fico tristonho,
Tenho piedade de vós, velhinhos:
É que no vosso colo risonho
Nunca vos vejo embalar netinhos'

ANGÚSTIA CREPUSCULAR

Pôr-de-sol. Acinzentá-se a paisagem
Na indecisão das sombras e da luz.
Na mata, sobre a alfombra da folhagem,
Tristonhamente piam os nambus.

Os coqueiros embalam-se na aragem,
Sussurram, musicais, como bambus.
E além avulta a tétrica miragem
De uma árvore a agitar os braços nus.

Apenas um casebre põe no ambiente
A única nota humana de criaturas
Fumando a chaminé indolentemente.

Lenta penumbra vai galgando alturas
Enquanto nas barrocas, tristemente,
Gritam as angustiadas saracuras.

NO CUME

Subo a serra. (Nunca antes o fizera.)
Ofego e suo, e chego enfim ao pico.
Como me sinto! Largamente rico
Desta riqueza que aqui em cima impera!

Quanta luz ! Quanto espaço! O olhar estico
Nessas distâncias em que se abebera.
E fico assim, por muito tempo fico,
Num êxtase de sol e primavera.

Sondo as alturas, pátria de condores,
Afinco ouvidos a esses mil rumores
Subindo devagar de falda em falda.

É a poesia da serra, da altitude,
Onde, estendendo um beijo-beatitude,
Gostosamente grande, o sol escalda

A ETERNA PALHAÇADA

Há uma igualdade atroz que concatena
Minha vida a essa vida do palhaço
Dando saltos de morte numa arena,
Girando em cambalhotas pelo espaço.

Ganha aplausos; é o ídolo da cena;
Não se deixa abater pelo cansaço.
Gargalha e chora, misturando a pena
Ao prazer, num só cálix – como eu faço.

Eu faço assim, e, assim faz todo o bardo.
Há de seu um palhaço infelizardo,
Um títere a pular numa platéia.

Dançar na corda azul da fantasia,
Pendurar-se ao trapézio da poesia,
E, dar saltos mortais com sua idéia.

LÂMPADA DO SACRÁRIO

Lâmpada do sacrário, luminosa
E solitária lágrima de luz
Aclarando a capela silenciosa,
Olhar profundo e meigo de Jesus

Lâmpada do sacrário, confidente
Do humilde voluntário da prisão.
Gota de amor tremeluzindo ardente
Brotada do Divino Coração.

Pérola incandescente, recolhida
Dia e noite, a velar junto ao altar.
Estrelinha do céu, do céu fugida
Mais perto de Jesus quis palpitar.

Botão de fogo a debuxar o ambiente
De claridade pálida, lirial.
É ali a seu lado, de joelhos crente,
É ali que está o eterno manancial.

Felizes crianças de sorriso louro,
Que buscais lindos sonhos e esperanças,
É ali pertinho do luzinha de ouro
Que habita o amigo divinal das crianças.

Homens, mulheres, a quem a tristeza
Prende em seus longos e mortais atritos,
Erguei o olhar para a velinha acesa,
E achareis o consolo dos aflitos.

Velinhos de cabelos já nevados
Que conheceis da vida os desenganos;
Vacilantes no andar, já tão cansados,
Sob o peso cruel de tantos anos;

Quando fizerdes vossa prece à tarde,
Sustentando nas mãos longo rosário,
Achei-vos da lâmpada que arde
Iluminando a porta do Sacrário.

Lâmpada do sacrário – olhar divino -
Quanto inveja de ti comigo guardo.
Se ao menos fosse meu o teu destino
Seria, então, o ser mais felizardo!

Fagulha inapagável da fogueira
Desse amor que palpita sobre o altar,
Ama-O por mim a tua vida inteira,
Pois, vê, como bem pouco O sei amar.

TARDE CHUVOSA

Choveu a tarde inteira.
O sol desceu enrolado em xales negros
De nuvens negras de veludo negro.
Sem espiar a gente sequer
Por uma fresta qualquer.
Que sol friorento também, que sol mulher!

As árvores dos quintais rezam murmúrios
Embuçados em véus brancos de noivas
Que um chuvisqueiro fino, em arrepios,
lhes empresta para dormir.
E elas ciciam baixinho
Umas cousas que o vento, de mansinho,
Quando passa lhes diz. . . e ele passa bem pertinho
Para só elas ouvir.

E já noite, o chuvisqueiro continua,
Encharcando, monótono, os telhados
Numa canção contínua de sons continuados.
Como eu gostava de ouvir, quando pequeno,
A canção do chuvisqueiro nos telhados
Embalando-me o sono sereno
Atulhado de sonhos alados e azulados!

Saio à janela. Olho a rua.
Enfileiram-se os postes geométricos,
Esguios, finos, esqueléticos,
Esticando os braços longos, fantasmais,
Segurando na ponta os seus lampeões elétricos.
A iluminar a rua para a gente passar.
E será que não se cansam
De tanto tomar chuva,
De tanto segurar?
E essas gotas de prata que dançam no fio,
Que fazem prodígios de ginástica,
Que equilíbrio as sustém? . . . mas ai, um arrepio,
Foi-se uma. . . e vem outra em seu lugar...
Uma vai, outra vem. . .
Dançando uma dança fantástica
Na corda bamba do fio bambo
Sem parar.

Vem subindo um incógnito molambo,
Um trapo humano de gente qualquer. . .
Mas, oh! que aconteceu? . . .
Escorregou na calçada. . .
E nas vestes farrapos, na cara embuçada
Não se sabe se é homem ou mulher.
Depois, passa um negrinho assobiando,
Sem chapéu (não faz caso de molhar-se)
Sob a janela, e, carapinha chuviscada
Com perolazinhas de cristal,
Atirou-me um sorriso disfarce

De seus dentes de cal.
Quando aponta algum auto caricato
Esticando faixas retas de luz rabiscadas
Obliquamente pelo chuveiro,
Andam sombras movediças, espectrais,
Descomunais,
Pela tela dos muros silenciosos,
Onde um gato ensopadinho da silva faz miau. . .
E no escuro da alcova o menino doente
Tem medo, eu sei, de tudo isso. . .
Mas a vovó lhe grita lá de dentro:
“Menino, dorme tranqüilo. . . “
E acrescenta depois: – “Não sejas mau. .. “
Essas vovós têm sempre o que dizer!

Rondando os focos foscos
Redemoinham besouros tontos
Zumbindo como avião.
Pondo sombras gigantescas
No chão.
Que lembram, na impressão grotesca,
As asas romanescas
De imenso morcegão.

E a chuva vai caindo, vai caindo. . .
Não pára.
No fim da rua um guarda-chuva vai sumindo...
Foi sumindo. . . sumiu de uma vez. . .
E eu fico pensando naquela gente
Que mora no fim da rua, nos arrabaldes,

Onde não existe nem luz talvez.
Deve haver tanto pobre indigente,
Tanto menininho chorando de frio
E de fome. . . Mas, embalde,
A mamãe não pode dar-lhe um leite quente,
Nem um leito macio. . .

O chuvisqueiro continua cantando nos telhados
A sua canção.
E o pranto de piedade dos coitados
Me está molhando, de mansinho,
O coração.

A CIDADE DA RELVA

Impressão minuciosa de cousas pequenas,
Miniaturas de selvas na relva.
Cada hastezinha é um tronco enorme
E, em cada tronco, um inseto que dorme
É um bicharoco descomunal.

Lampejos de luz nas asas de verniz,
Esperdiços de cor, um carnaval.
Foi, certamente, algum pintor infeliz
(Não sei se involuntário ou porque quis)
Que deixou cair todas as latas de tinta
Sobre a floresta-miniatura.
E cada perdigoto
Transformou-se num inseto maroto
Que saiu a pular
Pra viver e morar
No pequena floresta encantada. . .
“Era uma vez”. . . histórias de fada.
Gulliver no país dos anões.
Mas eu mesmo sou estranho gigante
Que, foi, numa hora de sol,
Visitar esse paizinho extravagante
onde há arcos triunfais de aranhol,
Onde cada formiga é asiático elefante.

E que noites fantásticas
Deve haver nesse mundozinho impossível,
Nesse mundo minúsculo,
Que mistério nos mistérios do crepúsculo,
E que lua redonda, que lua tamanha!
Quem foi que assoprou essa bolha de sabão
De detrás da montanha?
Ela gosta também, ela é criança,
De mandar sua luz mansa
Brincar na selvazinha mágica,
Brincar de ser luz elétrica.
Ouvis essa longínqua orquestra
De pandeiros, saxofones,
Violões ,gramofones,
Violinos, flautins?
Flautas, clarinetas,
Líricas trombetas,
Místicos clarins?
Gaitas, gaiatas, bandolins?
É a orquestra da cidade-miniatura,
Éa música da selva ao plenilúnio,
Num carnaval de instrumentos esquisitos
Que improvisam ao relento
Tantos coros bonitos.

- Que horas são? – Um momento. . .
Silêncio. . . Compassados apitos. . .
Os grilos estão vigiando a cidade da relva.
Impressão gigantesca de minuciosidades.

POEMA IMPRESSIONISTA

Olho a cidade adormecida e taciturna,
Placidamente adormecida e quieta.
E a apatia das luzes dentro da noite fuma
Lembra-me a cisma de uns olhares de poeta.

Lembra-me só. Nem sei porque impressiona.
É uma cousa assim, uma espécie de ansiedade
Que vem, devagarinho, vem me invade
E depois me abandona
Na barcarola azul de um sonho de saudade.

Dorme a cidade.
E os cubos monstruosos das casas geométricas
Diluem-se, lentos, na dormência das elétricas.
Tenho a impressão esquisita
De navegar sobre um lago adormecido
De metal diluído.
Acompanhado pela voz bonita
De um violino sonhador
Traçando uma espiral de sons na alma da noite.

Aspiro sofregamente
Um perfume de rosas acanhadas,
De rosas delicadamente abandonadas
Na delícia arabesca de um jardim taciturno.

A cidade desfruta seu sono noturno.
E ninguém se recorda das estrelas,
Ninguém levanta os olhos para vê-las!
Também andam tão altas, tão distantes,
E são tão poucos os poetas, seus amantes!
Poesia silenciosa
Que inunda aveludada o sono da cidade.
Vem-me, outra vez, a impressão caprichosa,
Uma impressão sem sentido,
De me achar navegando na gôndola da saudade
Por sobre um lago de metal diluído.

PARTIDAS ILUSÓRIAS

Um lenço que agitados na partida
É um trapo de saudade, e não um lenço.
Branco pedaço de alma comovida
Acenando um adeus amargo, imenso.

As palavras que então sussurra a boca
Sintetizam-se apenas num soluço. . .
Partir paro uma viagem triste, louca,
Morrer, talvez, sozinhos, num debruço.

Levar numa aquarela da memória
Nossa estância natal com sua história
No romance dos dias infantis!. . .

Partir, sem nem saber pr'a que lugares,
P'ra que terras distantes, p'ra que mares,
Na esperança de ser, talvez, feliz!

DESEJO BUCÓLICO

Disparei pela estrada, o meu tordilho,
Bebendo luz de sol a grandes haustos.
Revestia a manhã mágico brilho,
Subia uma onda de perfumes lautos.

Havia, dentre as frondes, um bisbilho,
Uns pipilos de pássaros incautos.
E, nós, enveredando oculto trilho,
Chegamos, eu e o meu cavalo, exaustos.

Aqui sim, quanta paz! Quanto sossego!
Bem distante dos homens e do emprego
Que torturam a pobre alma da gente.

Oh ! Se o verdor da mata alimentasse
Exigiria deles o meu “passe”
Para viver na mata, eternamente.

ATUALIDADE

Quando, pela manhã, saíres para a rua,
Para o grande vaivém diurno da cidade,
Por um momento só, refreia a pressa tua
E deixa asas abrir tua curiosidade.

E decerto verás em cada face a crua,
A fatal concepção da dura realidade!
Em cada olhar, verás que, ocultamente, estua
A serpente feroz de uma necessidade.

Verás preocupações vincando cada fronte,
Verás em cada passo a ganância onde impera
A suposta visão de um longínquo horizonte.

Verás que a vida enfim, só nisto se consome:
- Na louca correria atrás de uma quimera;
- Na trabalhadeira atroz para matar a fome!

CONTRASTE DE NATAL

Natal: Menino Deus! Natal: Papai Noel!
Um – doçura, e bondade, e beleza e carinho!
Outro – feioso e mau, ridículo velhinho,
Prometendo sectário, iludindo infiel!

Aquele – expondo o róseo e divinal corpinho,
À intenpérie da noite, à invernía cruel!
Este – todo burguês distila iras e fel,
Com seus trajes de lã e o sorriso escarninho!

Enquanto Aquele, em luz, da cátedra de palha
Prega a lição grandiosa e imortal do Presepe
E o sol da paz por sobre a humanidade espalha;

Este – com barbas tais e com tais sapatões,
Semeia, em cada lar de pobre, a nuvem crepe
Da tristeza a enlutar infantis corações.

DOMINICAL

Hoje o dia está alegre; o sol redoirá
A natureza límpida e lavada
E vai luzir na cabecinha loira
Das crianças brincando na calçada.

Domingo. Passa gente para a missa
Todo o mundo se veste muito bem.
O amor no coração dos jovens viça
E a vida, pelas ruas, vai e vem.

Tudo parece novo em folha, tudo
Como que sente novo encanto; grita
O azul do céu, macio qual veludo,
A aragem leve, a respirar, palpita.

Cantam os sinos pelos campanários
tantos sons iniciais de claras notas.
As velhinhas lá vão com seus rosários
Brancas, trementes, fantasmais, devotas.

Anda uma festa de pardais matreiros
Sonorizando os tetos e os quintais. . .
Ouço o longo pregão dos verdureiros
Em dissonantes notas musicais.

E – soberano do infinito – o sol
Joga ondas de ouro pelo azul . . . Agora
Já cai a tarde... Estua o futebol
E a cidade discute, torce e chora.

AGOSTO

Dentro dessa redoma sufocante
Que é o céu sujo e despótico de agosto,
A tarde tem um quê de atroz desgosto
Copia o ar de alguém febricitante.

Poeira e fumo se atiram contra o rosto
De um sol sanguinolento e trespaldante.
E a paisagem tressua em sede, arfante,
impregna-a o odor de um corpo decomposto.

Tortura a vida uma opressão de aço,
Pesadamente, abate-se o ambiente,
Vence e sufoca o homem no mormaço.

Agosto é triste e envolve a alma do gente
No da saudade doloroso abraço,
Num torpor melancólico e pungente.

PERDULÁRIO

Gastei meus dias a buscar no Sonho
A razão de viver, inutilmente.
O resultado foi: sofrer medonho,
Desilusão atroz e persistente.

Foi esse: de falar continuamente
De tristeza, nos versos que componho.
Foi esse: de possuir alma que sente
Toda ausência daquilo que é risonho.

Mas não importa. Se você for moço
E sentir dentro em si, mesmo em esboço,
Os afagos de um sonho belo e doce.

Vá, malbarate os dias na quimera,
Como se fosse sempre primavera,
Como se a vida um longo sonho fosse.

CUMPLICIDADE

Com o colar de lâmpadas ao busto
Por sobre o negro xale (que vaidade!)
A noite viúva, no seu passo augusto,
Vem passear pelas ruas da cidade.

E a cada canto, à dúbia claridade,
Põe então, divisado muito a custo,
Um parzinho a se amar, na intimidade,
Na delícia especial de estranho susto.

Noite bondosa, noite camarada,
Ela também foi jovem, foi amada,
E, agora, anda a ocultar os namorados.

Anda cortando a lua pelo meio,
Pondo estrelas bem longe, com receio,
De deixar os casais envergonhados!

OTIMISMO

Somos todos viajantes de um risonho,
Encantado e mirífico país,
Onde buscamos, cada qual, um sonho,
Onde sonha, cada um, ser mais feliz.

Mas às vezes aos pés se abre medonho
O abismo do infortúnio e, por um triz,
Não traga o bátrio o viajor tristonho,
Que chora, que blasfema, que maldiz!

Outras, porém, e quase sempre, a vida
Abre-se em alas das mais lindas flores,
De encanto e primavera entretecida.

Os pássaros flauteiam entre olores,
Baila em tudo um sorriso que convida,
E, n'alma, azul, se arqueia um céu de amores.

IN FINE

Para traz, pela rua do Passado,
Foram ficando angústias e alegrias,
Na mentira sonâmbula dos dias
Feita de um grande sonho espedaçado.

Em cada hora – um sorriso massacrado
Pela mão das mais fundas nostalgias.
E a cada passo as agulhadas frias
Do sofrimento caminhando ao lado!

Um ano se despede, vem outro ano
Sobraçando esperanças e ilusões
Com que mima o teimoso ser humano.

É assim a vida: – um ajuntar de dores,
- Um receber feridas e empurrões,
- Um triturar de mágoas e de amores.

A DERRUBADA

Atroa o bate-bate retumbante
Dos mordentes machados na madeira.
E nessa luta trágica e gigante
Rolam troncos em longa choradeira.

Aqui um jequitibá soberbo, adiante
Uma velha e frondosa caneleira.
Um cedro, um peroba farfalhante,
Toda a legião da flora brasileira.

O machado decepa inexorável,
Nada lhe escapa à cólera maldita,
Nada o detém na sanha abominável.

E há em cada tombo lástimas soturnas,
E a cada golpe toda a selva grita
Pelo eco das quebradas e das furnas.

AS QUEIMADAS

Sobre a pele africana e torturada
Da noite baixa, tépida, são chagas,
Que tivesse rasgado a chicotada
De um malvado feitor, bufando pragas.

As queimadas se altiram. Jogam vagas
De fogo e fumo ao céu, numa trovoada.
Apoteose das chamas, rubras, magas,
Línguas-luz, devorando a derrubada!

A galharia uiva espavorida,
Estorce-se num grito lancinante. . .
Morre um pio final de ave ferida.

E a magnitude trágica e voraz
Do incêndio segue adiante, sempre adiante,
Desdobrando um lençol de brasa atrás.

RELÓGIO DE TORRE

Sobranceiro à cidade, o campanário,
- Braço em riste a apontar para o Infinito,
Traz no pulso o relógio solitário,
Onde há o rolar dos séculos escrito.

Quantas vezes os seus ponteiros fito,
- Tirano atroz e cínico do horário,
- Ladrão das horas de prazer bendito,
- Das do sofrer, mui pródigo,ao contrário!

Fria pupila que jamais se fecha
Dia e noite a espionar sobre a cidade
Do seu esguio pedestal em flecha.

Tens, relógio, o mais triste dos destinos:
- Cortando a vida em nacos pequeninos,
- Em segundos picando a Eternidade!

SAUDADES

Hora em que o coração depressa bate,
Trava combate, mudamente trava;
E de sob as cinzas surgem de repente
Sombras que a mente no íntimo guardava.

Vêm todas empoadas,
Longas, desmesuradas;
Que caminhos terão elas andado?!
Vêm pelos corredores intermináveis
Do castelo encantado
Da saudade;
Trazem braçadas de recordações. . .

Terna saudade desse tempo lindo
Que vai fugindo e que não volta mais.
Infância – lago azul por entre flores
Policolores de infantis ideais.

Terna saudade! Entardecer de mato
Leve desmaio de um beijar de outono.
E cisma a mente num gostoso anseio
Num devaneio doce de abandono.

Terna saudade! Esfacelando mágoas
Fogem as águas dos natais riachos
Das margens quietas exibindo olores

Despencam flores em ridentes cachos.
Terna saudade! O laranjal fremindo,
Brisas fugindo ao lhe afagar a fronde.
Angústias magas de um sabiá que sonha!
Ave tristonha donde vieste?. . . Onde?!

Terna saudade. . . Repicar de sinos;
Magoados hinos na distância enorme
Morrem aos poucos. . . mas por que se cala
Por que não fala mais a torre? – Dorme. . .

Por que se expande essa penumbra incerta?
Por que deserta se desdobra a serra?
Por que das cousas agoniza a alma,
Que dúvida calma esse mistério encerra?

Passado,
País encantado
Que desejamos sempre rever,
Guardando cousas que lá ficaram
Mas que trouxemos e se irmanaram
Em comunhão perene com o nosso ser!

Saudade! A estância pequenina e quieta
Onde nascemos e que existe ainda
Já velhinha, porém, quase caída. . .
Ah! se ela visse de novo o seu menino
Depois de tantos anos,
Depois que conheceu o rol dos desenganos,
De certo não haveria de negar-lhe

Um pouco mais daquela extinta felicidade.
O quintal, o pomar, lá em baixo o rio,
Tudo numa aquarela da memória. . .
Dias de sol noites de lua,
Talvez campinas, talvez montanhas,
A escola, os mestres, os companheiros. . .
Ah! quanta cousa, quanta cousa. . . quanta!
Tudo se foi. . . E que nos resta agora?
- Essa doçura que devora,
- Saudade que quebranta!

Saudade. . . A igreja toda refulgindo,
A criançada de branco, em procissão. . .
O dia mais feliz e mais belo da infância -
A festa da primeira Comunhão.
Momento de ventura inapagável,
De candura e inocência a transbordar
Do pequenino e palpitante coração.

Saudade. . . Lamurienta serenata
Povoando de lamúrias o sertão.
Sumindo além no fundo do estradão
Sob o frio palor da lua de prata...
Violões e flautas a gemer tristonhos
No silêncio da triste solidão;
Vozes levando para região dos sonhos
O caboclo que adora o seu violão.
Eco saudoso a se perder chorando
Na amplidão.

Saudade. . . Um coração que foi amado
Por uma chama viva e fulgurante
Ardeu juntinho de outro coração. . .
Mas, coitado,
Bufou, raivoso, o vento da ilusão
Que, apagando-lhe o fogo causticante,
Deixou apenas na alma soluçante,
Um pouquinho de cinzas e de pranto.
E destruiu assim sem compaixão
Uma vida feliz, cheia de encanto.

Saudade. . . Entes queridos
Já há longos anos desaparecidos
Do nosso olhar.
Mas que não deixam, de quando em quando,
De, silenciosos, nos visitar. . .
De vir sentar-se ao nosso lado
Nas horas longas de melancolia;
De suplicar-nos durante a prece
O consolo de uma Ave-Maria.

Saudade. . . Anjo da Guarda de quem parte
E a estranhas terras vai pedir morada.
Companheira das noites de suspiros
Com o qual o exilado a dor reparte
Visão consoladora e amargurada
Do último porto que ficou atrás. . .
Adeus. . . e enquanto tudo foi sumindo
Em longínqua e nostálgica miragem

Só ela o acompanhou na sua viagem.
Saudade. . . Sedutora e oculta fonte
Que, sedentos andamos a buscar.
Cuja água deliciosa, se tragada,
Mais vontade em nós deixa de a tragar.
Água que tem uma virtude maga
Que quanto mais se bebe e mais se traga
Mais abrasa e provoca mais ardor.
Água melíflua, saborosa e clara,
Que, bebida, depois nos põe nos lábios
Mais intenso amargor. . .

Saudade riso, saudade pranto,
Saudade alívio, saudade dor.
Saudade prece, saudade canto,
Saudade sonho, saudade amor!

SEM AMOR . .

A vida sem amor não é mais que um deserto
Onde brada o “simum” da amargura e do tédio.
Onde não há o sorrir de um céu azul aberto,
Onde não há da chuva o bálsamo, o remédio.

A vida sem amor é jardim ressequido
De onde desertou a beleza das cores,
Pois os beijos, o riso, o carinho incontido,
São da vida, a meu ver, as olorosas flores.

A vida sem amor é entardecer sem canto
De pássaros, em coro, a saudar o poente.
É o surgir da manhã sem o doce acalanto ;
Das vozes do universo em orquestra fremente.

Onde não mora o amor, não podem ter guarida
Os grandes ideais que a alma humana acalenta,
Pois quem ama de fato, em si tem outra vida,
A de outro coração que a anima e a aviventa.

A JURITI

Ao Dr. Pedro Krahenbuhl

No recesso da mata brasileira,
A embalar-se na curva de um cipó,
- Alma da solidão, da capoeira,
Tristonhamente gemedora e só;

A juriti soluça a tarde inteiro
Graves soluços de amargura e dó. . .
E nem sei porque, embora não o queira,
Lembro os gemidos de um noturno Jó.

Mas alguém sob as sombras, qual felino,
Aproxima-se de arma engatilhada. . .
(Oh! pobre juriti, é findo o teu destino!)

Aponta ... e oh! surpresa, morre o tiro
Nos dedos do gatilho... o camarada
Quem sabe, tinha lido Casemiro!

A PAINEIRA

Dominando a baixada, sobranceira,
- A copa feita imenso cogumelo -
Que soberbo espetáculo é a paineira
Que espetáculo sempre novo e belo!

Antes, verde, ondulante – uma bandeira!
Depois – ímã de flores que o cuitelo,
E a abelha, e a borboleta galhofeira,
Vêm sugar em alígero duelo.

Outro dia, despindo essa roupagem
Arrebenta em bolotas cor de neve,
- Que prato de pipocas, formidando!

Mas, agora, reparem, como a aragem
É um moleque ladrão, travesso e leve,
Que o sorvete da paina vai roubando.

O DESEMPREGADO

Já manhã velha acorda estremunhado,
- O desconsolo a lhe nimbar o rosto,
- Barba inculta, cabelo decomposto,
O pobre do rapaz desempregado.

Levanta e lá se vai até o sol posto,
Buscando, perquirindo, todo lado. . .
- Via crucis de engano e de desgosto,
- Calvário todo dia renovado!

Entra porta, sai porta, sobe escada,
Desce escada – e a resposta martelante: -
“Meu caro amigo, – já não temos vaga”.

Trabalho, nestes tempos, que maçada!
- Foge de quem o busca a todo instante,
- E a quem o tem, barbaramente esmaga!

IPÊ AMARELO

Ontem, galhos desnudos onde o vento
Desferia diabruras musicais;
Esqueleto infeliz – sólio bulhento
De uma chusma chilreante de pardais.

Mas hoje, que milagre, que portento!
Decerto são os raios matinais
do sol que, num feliz deslumbramento,
Se fixaram nos galhos fantasmais!

Decerto que as estrelas do infinito
Estão ali espetadas em rosários,
São culpadas de quadro tão bonito!

E a árvore – ontem pobre, hoje é um tesouro,
Exibindo vestidos milionários,
E casquinando gargalhadas de ouro!

O SABIÁ

A medalha sonâmbula da lua
Engasta-se no peplo do infinito,
Quando, subitamente, acorda aflito
O canto de um sabiá de minha rua.

Gorjeio, não. . . mas doloroso grito
Que na amplidão da noite se insinua.
Seresteiro a chorar a mágoa crua
Que lhe enfuna a garganta de precito.

Tito Schipa, Caruso, Chico Viola,
Desfiando da cela da gaiola
Serenata de sonhos ao luar!

Gino Becchi tupi, eu te suplico,
Bota um cadeado de ouro nesse bico,
Pois teus solos, sabiá, são de matar.

CANUDO-DE-PITO

Ao prof. Newton Mello

Em maio, quando o dia corneteiro
vai sacudindo o campo a que desperte;
E pelos barrocais o nevoeiro
A desenhar fantasmas se diverte;

Quando o sol lança à terra, como um flerte,
O seu primeiro raio, o olhar primeiro;
E em tudo o que dormia e estava inerte
Ha um frêmito de vida, sobranceiro;

O canudo-de-pito se abre em flores
Pintalgando a paisagem de amarelo,
Com grandes risos de ouro encantadores.

E no forte verdor do matagal
Dá-me a impressão do fascinante e belo
Losango da bandeira nacional

HISTORIETA

No princípio era a engenhoca,
Linda parelha a rodar...
Longos meses, toca, toca,
Mói, remói, sem descansar.

A biquinha de garapa,
Corre, escorre, sem cessar.
E o perfume que se escapa
De melado a cozinhar. . .

Açúcar preto, mascavo,
Aguardente, candomblé.
Sinhô, sinhá, negro, escravo,
Seu feitô, seu coroné.

Depois, sumiu a parelha,
Veio a máquina a vapor,
Como colméia de abelha
Chia o engenho com furor.

E foi crescendo, foi crescendo,
Engolindo canaviais;
Que imensos tachos fervendo!
Que moendas colossais!

Hoje é Usina, monstro enorme,
Glutão de canas sem par.
Dia e noite, nunca dorme,
Nunca cessa de bufar!

Qual muares, qual carroças!
Tudo é motor a roncar!
Caminhões cortando roças
Com cargas de arrepiar!

Toneladas, toneladas,
De canas, para onde vão?
Para as moendas que são
Dentuças arreganhadas.

Mastigando o dia todo,
Noite inteira a mastigar,
Cuidado com esse engodo
Não vás, Usina, engasgar!

E que soberbo escoadouro
Milhões de sacas, que glória!
São as galinhas da história
Pondo, aos mil, ovos de ouro!

Jorrando açúcar, em bica,
Branquinho como algodão,
A gente se beatifica,
A imaginar como é rica
Esta terra, este torrão.

Louvor àquele que um dia,
O Futuro semeou,
Sulcando a terra bravia,
E, sob o céu que sorria
A cana nela lançou!

Hoje é riqueza da terra,
Hoje é progresso a explodir.
Bendito o solo que encerra,
No seio que jamais erra,
Os tesouros do porvir.

O LAVRADOR

Mal o dia pintor, caprichoso, pincela
Com frisos de ouro em pó, as barras do levante;
E – músico – vai pondo em cada alada goela
Um guizo de metal, tinindo, tilintante,

Lá sai o lavrador para a lavoura; bela
Se lhe desdobra aos pés a messe lourejante...
Entretanto está triste e chora diante dela,
E atira a enxada amiga ao chão, febricitante.

O sol que agora surge é uma bênção divina...
“Mas que vale a colheita (ele pensa), se o sangue
Lhe suga brutalmente e as carnes lhe assassina?!

E contemplando as mãos agrestes e calosas,
A enxada posta ao lado, o lavrador exangue
Cai de joelhos ao chão, em lágrimas copiosas.

NOSTÁLGICO

Cada sonho feliz que a vida nos adoça
Traz sempre no seu bojo um muito de ilusão !
Um sorriso floral que nos lábios se esboça
Quantas vezes não traz consigo a maldição!

Outras tantas, não são mais do que amarga troça
Os brados de entusiasmo e apoio que se dão.
E uma satisfação suposta toda nossa
Mais depressa se esvai que bolha de sabão.

A vida é feita assim: contrastes mais contrastes;
Ora “sins” ora “nãos”, recuos e avançadas ;
Ora sombra, ora luz; esforços e desgastes ;

Banquetes e jejuns, misérias e riquezas ;
Às vezes o prazer de pequeninos nadas,
Quase sempre o amargor de colossais tristezas !

CLAUSTRO

Tornei-me o monge da tristeza! Quantas
Horas, na solidão do pensamento,
Fico a rezar, tristonhamente, as santas
Matinas do meu árido tormento !

Quantas horas me ponho, cismarento ,
Envolto nas da dor escuras mantas,
A percorrer, do próprio sofrimento,
As contas do rosário, que são tantas !

No claustro severíssimo das dores
Vou lendo, por seus ermos corredores,
velho breviário de recordações.

Tornei-me o monge da tristeza! Vivo
Cantando, – pobre pássaro cativo -
As vésperas das minhas ilusões!

CARRO DE BOIS

No sertão, como é triste pelo estio
Ouvir gemendo ao longo de uma estrada
Ou nos largos atalhos da queimada,
Velho carro de bois num mesto chio.

Lá vai ele, monótono e tardio . . .
Seu berro mais parece uma toada,
Saudades de sua alma amargurada,
A errar, a errar pelo sertão bravio.

Seu berro é uma enigmática poesia,
Canção de sertaneja nostalgia,
Poema que sacode o coração.

Ah ! vai, carro de bois, vai sem repouso,
Despertar com teu urro doloroso
A modorra de fogo do sertão.

DO MEU ESCRITÓRIO

Pela janela do escritório espio
A primavera que aos sorrisos anda
Pondo flores por tudo: – na varanda
Vizinha, nos quintais, à beira-rio.

Entre as copas de um verde luzidio
Bole uma aragem aromal e branda.
No mar do espaço – plágio de navio -
Erra uma nuvem floconosa e panda.

Por onde quer que corra o olhar ansioso
Em motivos de júbilos esbarra
Deixando n'alma um bem-estar gostoso.

Porém, certa tristeza me quebranta
Se, repentinamente, uma cigarra
Sob a glória do sol, magoada, canta.

MOMENTO CURTO

Tento agarrar esse momento curto
De sossego, a fulgir, num intervalo
Deste humano sofrer, mas tão a furto,
Que me é quase impossível desfrutá-lo.

Fugaz instante, fugidio surto
De ventura o sorrir, e eu que vos falo
Nessa hora o padecer, parece, encurto,
E, de repente, um céu de luz escalo.

Vislumbre de relâmpago nas trevas
Do viver tempestuoso e em ventania,
Raio de sol por sob um céu que neva.

Gota melíflua a adocicar de leve
O oceano de amargura que inebria
Por inteiro o fugir da vida breve.

ÚLTIMO PÉ DE CAFÉ

Dos milhões e milhões que estendiam-se, até
Na distância sem fim, perderem-se de vista,
Restas somente tu, velho pé de café,
Escapando do tempo à voragem egoísta.

Recordo (e ao recordar minha alma se contrista)
Que imensos cafezais! Só tu ficaste em pé,
Como um último herói de uma épica conquista
Que, se foi realidade, um sonho apenas é!

Da cafeeira invasão, derradeiro vivente,
Atestando o esplendor de um passado recente
Onde, em torrentes de ouro, a riqueza correu!

Os teus ramos em flor têm tristezas sem conta.
E quando rubros grãos os cobrem, ponta a ponta,
São lágrimas de sangue e saudades, penso eu.

NATAL

Natal! Natal ! Meu Deus, quantas lembranças
Vêm, em bando, pousar no coração!
Natal! Natal! Cantai, cantai, crianças,
Afagai vossos sonhos e esperanças
E, de hinos, inundai toda a amplidão.

Já se foram da guerra as nuvens crepes,
A paz desceu à terra e sobre o mar,
É Nata1! Do Equador até as estepes,
Há em cada igreja o riso dos presepes,
E a alegria gorjeia em cada lar.

Recordemos então! Vamos de novo
Ao recanto dos dias infantis.
Meia noite! A capela (eu me comovo)
Toda cheia de flores e de povo
A cantar, a cantar – “Noite feliz!”

Nosso íntimo palpita, satisfeito!
Natal! Noite de amor universal!
E eu julgo então que seja, cada peito,
Um pequenino e delicado leito
Onde Jesus repouse, divinal.

Oh ! Vós que andais curvados sob martírios
Trilhando a estrada tétrica da dor;
Vós que sofreis a angústia dos delírios,
Coragem, pois, baixando dos empíreos,
Veio até nós Jesus Consolador!

Vós que tendes as dúvidas e o tédio,
Espinando-vos a alma – qual punhal,
Junto da manjedoura está o remédio,
Basta apenas pedir; Jesus concede-o
Porque é a fonte gratuita e perenal.

Vós poetas e músicos, uni-vos,
E vós também, artistas do pincel.
Componde um canto único de vivos
Sentimentos de fé e de amor, festivos, -
Cristo veio amainar a Dor cruel !

Velhinhos, cuja fronte já branqueja,
Crianças, de sorriso aberto em flor,
É Nata1! Vamos todos para a igreja,
Não ouvis como o sino já festeja,
Como chama incessante seu clamor?!

Ricos, pobres, patrões, subordinados,
Vamos! Cristo nasceu, humilde e bom !
Aos pés da pobre gruta prosternados
Seremos atendidos, consolados,
Terá paz e alegria o coração!

COMO DEVE SER

Vês-me assim, quase frio e indiferente,
Quase insensível a esse amor que arde
Em grandes chamas na tua alma crente
E me julgas, eu sei, tolo e covarde.

Enganas-te; o amor é mais ardente
Quanto mais silencioso e sem alarde.
Mais sincero é se chega lentamente
E se expande, depois, quanto mais tarde.

Não deve ser incêndio que devora,
Nem inundar como brutal enchente
Destruindo tudo apenas em minutos.

Mas ter a suavidade de uma aurora,
Brotar, evoluir, como semente,
Para se abrir em folhas, flores, frutos.

TARDE MUSICAL

Desce da altura, ternamente doce,
A inquietude do dia que se finda.
E a alma loura da tarde concentrou-se
Toda numa tristeza tênue e infinda.

Tonaliza-se o espaço qual se fosse
A música das cores vária e linda.
Que se esvai... “piano” . . . lenta. . . brilha ainda.
Morre enfim. . . e o crepúsculo cerrou-se.

Que faz aquela estrela tão pequena,
Tão sozinha a piscar no firmamento? . . .
Mas surge outra, mais outra. . . uma centena !

Atapetam o céu. . . e eu fico a vê-las,
E a ouvir na solidão do pensamento
A música sidérea das estrelas.

ILUSÓRIA ESTRADA

Desde há muito prossigo caminhando
Por destroços de sonho e de ilusão.
Velha estrada batida que, trilhando,
Todos os homens, geralmente, vão.

E se tento fugir de quando em quando
Dessa quase fatídica visão,
Surge o destino, – oráculo nefando -
E, apontando-me à frente brada – “não”.

Seguir adiante sempre, sempre adiante,
Embora a contragosto, andar sem tréguas,
Andar, mesmo com a alma soluçante.

Caminhar, sufocando grandes dores,
Mas parecendo, ao perpassar das léguas,
Que se vai caminhando sobre flores.

LAGO

Sob a carícia da ramagem mansa,
Lucidamente quieto, o lago enorme,
Meditando, enigmático, descansa,
Transparente e profundo, sonha e dorme.

Revolver-lhe, porém, o seio informe
É descobrir, letal, toda a pujança
Da podridão, mais túrbida conforme
Mais nele se mergulha e mais se avança.

Há corações que ao lago se assemelham
Cujas faces translúcidas espelham
A paisagem fingida do exterior.

Mas vamos, escafandros, mergulhemos,
E os vícios – lodo pútrido – veremos,
No fundo deles a se decompor.

PALAVRA MÁGICA

A transparência vítrea e delicada
Da tarde miçangada de rubis,
Põe-me na alma a doçura imaculada
Do que, às vezes, se pensa e não se diz.

Daquilo que, pungindo nos agrada;
Que, a um tempo, é melancólico e feliz;
Que tem delicadezas de uma fada,
E todo o cromatismo de um matiz.

Daquilo que é suspiro e é sorriso;
Daquilo que é certeza e dubiedade
E, na terra, um prazer do paraíso.

Claro-escuro que aos poucos nos invade
De um mundo lindo, lírico, indeciso,
Que é apenas um vocábulo – saudade!

MOLDURA NOTURNA

É noite. Abro a janela. Escuto o cismo.
Olho o rio enigmático ao luar.
Tudo quieto a sonhar, no paroxismo
De um silêncio, parece, secular.

Solidão. . . De repente o nervosismo
De um motor surge além a estrepitar,
Pondo na noite calma o antagonismo
Do rumor surdo e longo, em ondas, no ar.

Singra a prata das águas, rasga espuma,
E sai ao largo, e corre, e some enfim. . .
No céu, piscam estrelas uma a uma. . .

E eu fico a interrogar dentro de mim
A que distância aquele barco rumo
Ao sabor dessa noite imensa assim. . .

“LUX HOMINUM”

Depois de tantos sonhos de mancebo
(Tantos sonhos inúteis, Santo Deus!)
Éque, acertadamente, enfim recebo
Todo o castigo dos delírios meus.

Apunhala-me o peito a dor que bebo
Dos lábios da ilusão, lábios judeus.
Vácuo e trevas são tudo o que percebo
Dos amores fatídicos e ateus.

Onde encontrar a luz para os meus olhos?
Como sair desta região de escolhos
Batida pelo uivar da ventania?

Como fugir deste deserto avaro,
Se não me deres teu divino amparo,
Mística luz do céu, Virgem Maria?!

DOCE, DOCE POESIA

Comentam por aí, de boca em boca,
Num acento brutal de covardia,
Que eu tenho uma alma sonhadora e louca
Porque sonha e enlouquece na poesia.

E como se não fosse ainda pouca
A dor dessa agulhada aguda e fria,
Às vezes, quando passo, atrás espouca
A gargalhada atroz de uma ironia.

Não me zango, porém. Pelo contrário,
Perdôo, como um Cristo meigo e triste
Escalando um intermínio Calvário.

É que eles não compreendem, pobrezinhos,
Quanta delícia na poesia existe
Feita embora de cruces e de espinhos.

SOFRER

Houve, acaso, mortal que não sentisse nunca
Encravar-se-lhe n'alma, embora um só momento,
A medonho, a feroz, a fria garra adunca
Desse monstro brutal chamado – sofrimento?!

Uns, outros, todos, ai ! transforma em espelunca
De miséria e de dor; e insaciável, sedento,
Num sarcasmo cruel, abraça, oprime e junca
Os pobres corações de horror e de tormento.

Soberano e real, impiedoso e funéreo,
Traz o pranto consigo, e, onde passa, as tragédias
Vão estendendo, imenso, o seu lúgubre império.

Sua marcha é sem fim, o monstro não descansa,
Barreiras não encontra e não o prendem rédeas,
E, aos pés, calcando vai, canteiros de esperança.

OLHARES

És, poeta, na vida, estranho artista
Tentando esculturar feições e olhares.
Rostos pálidos! Olhos de conquista!
Faces magras! Pupilas cor de mares!

Semblantes velhos onde a dor se avista!
Semblantes moços, limpos de pesares!
Olhos vivos de amor jovem e egoísta!
Olhos dúbios, senis, crepusculares!

Em todos, cicatrizes desenhadas
De longas agonias suportadas
Na lenta *via crucis* do viver. . .

E nem sabes, talvez, que levas, junto,
Um rosto lívido, um olhar defunto,
Exibindo-os aos outros sem querer. . .

QUANDO FORMOS VELHINHOS. . .

“Quando formos velhinhos” – tu me dizes,
Numa voz de encantada ingenuidade,
“Lembraremos os dias tão felizes
De nossa fugitiva mocidade”.

Tens razão. Mas somente cicatrizes
Restarão do sonhar que nos invade.
E em nossos corações fundas raízes
Terá posto a roseira da saudade.

Quando formos velhinhos. . . Já suponho
Os cabelos em flocos cor de neve
E certa mágoa em nosso olhar tristonho.

Curvados sob a cruz de muitos anos. . .
E a nossa alma, coitada, também deve
Já estar branca de velhos desenganos.

MATINAL URBANO

A cidade desperta. Há frêmitos alados
No ambiente pensativo e imóvel dos quintais.
Um alegre ruído (o bando de empregados
Rumo às fábricas) cresce e cresce sempre mais.

A cidade desperta. Há gestos apressados
Em cada alguém que passa a passos desiguais..
E aquelas chaminés com fumos azulados
Serão naves, talvez, logo a partir do cais?!

Rolam rodas rodando arredondadamente:
É o matinal rumor das carrocinhas; “Leite”. . .
“Verduras”... “Olha o pão”... Buzinas... Quanta gente!

Negócios... Discussão: – “Vamos, senhora, aceite”
E na glória da luz surgindo inteiramente
Conta a cidade ao sol : “O’ sol, eu sempre amei-te!”

“AMOR VERUS”

Potência que duas almas unifica,
Que de dois corações, faz um apenas.
Cadeia que une, eleva, santifica,
Em que duas vidas sofrem iguais penas.

Grata fonte que faz jorrar em bica
Bálsamo santo às aflições terrenas.
Força que impera e suave dulcifica,
E milagres de amor faz às centenas.

Luz que aquece o recôndito dos lares,
Lhes empresta dos ninhos o calor,
Que concatena risos e pesares.

Olhai, que todo o lar é uma ara santa
Onde um par de criaturas faz do amor
O sacrifício que celebra e canta.

BANCO DE JARDIM

Às vezes, divagando a fantasia
Pelo mundo encantado do impossível,
Fico a pensar na original poesia
De um banco de jardim, mudo e insensível.

Não sente. . . e ter parece uma alma pia.
Écaridoso e bom, quanto possível.
A ninguém nega a sua serventia
Seja de qualquer classe ou qualquer nível.

Agora uma criança. . . Um moço agora. . .
Uma jovem, um pobre, uma senhora.. .
Depois um velho solitário e a esmo. . .

Depois, ninguém. . . Depois, todo carinho,
Toma ares delicados, feito ninho ,
A um par de namorados. . . sempre o mesmo.

O CASULO

Vede essa larva. Escala, em breve, um galho
E em baba luminosa se enclausura.
Vai a morte encontrar no seu trabalho
Entretecendo a própria sepultura.

Fecha-se. E fica à chuva, ao sol e orvalho
O casulo de seda, enquanto dura
Essa morte fingida, até que, em talho,
Rasga-o, e, borboleta, galga a altura.

Sou assim entre os homens, pois que a imito
Tecendo o estranho invólucro de seda
Do meu isolamento de proscrito.

Quero cerrar-me, a sós, nestes meus versos
Para que um dia (Deus o assim conceda!)
Paire, em luz, muito além dos universos.

O FALSO JULGAMENTO

É inútil, não sou esse que pensais.
Não sou o que pareço exteriormente,
Diga, embora, o provérbio a nós mortais
Que a face espelha o coração da gente.

É assim que o pranto muitas vezes mente
E as lágrimas têm risos e não ais.
Muitas vezes é assim, fingidamente,
Que o sorriso traduz prantos fatais.

Portanto, se eu passar, fronte abatida,
Não digais que a amargura me trucidou,
Nem penseis que sou frio e desumano.

Olhai o que acontece com frequência
Quando vamos julgar pela aparência: -
Quase sempre caímos num engano.

ALMA DA RUA

Alma da rua, feita de um conjunto
De cousas em perene sucessão.
Pedestres, carros, noivos, um defunto,
E a alegria e a tristeza as mãos se dão.

Nas esquinas há sempre um novo assunto,
Sempre um motivo para discussão.
- “E todos os que passam (me pergunto)
Onde vêm eles e para onde vão?”

Pobrezinhos em busca de uma esmola,
Operários, alunos de uma escola,
Moços, velhos, e o sol na pedra nua.

Quanto mais a contemplo da janela,
Indecifrável, grande alma da rua,
Menos compreendo a profundidade dela.

TOCO DE CIGARRO

Arrojado à calçada, entre um escarro,
Depois de cavalgar lábio escarlate,
Quem supunha que um toco de cigarro
Viria provocar o estro do vate?!

Serviu, talvez, de estúpido remate
A um desejo narcótico-bizarro.
E os que perto passaram – o mascate,
O moleque, a menina, o cão, o carro -

Passaram no seu passo indiferente
Sem nem ligar sequer ao pobre toco
De cigarro a esfumar-se lentamente.

Fagulha inútil de uma inútil chama,
É um fiozinho de fumo, agora; é um pouco
De cinzas rastejantes pela lama.

O MEU ROMANCE

O meu romance. Abri o meu romance.
Capítulo primeiro: a minha infância.
Reli tudo, reli lance por lance,
Cena por cena, na ânsia
De quem tenta agarrar uma coisa à distância
Que já ficou atrás fora do seu alcance.

Cromos de sol, painéis enlustrados,
Minúcias de paisagem infantil!
Abril, abril,
Com vãos cruzados
De andorinhas nas tardes borradas de anil.

O meu romance. Capítulo segundo:
Mocidade !
Sinto nessa leitura um sabor profundo,
Um gosto amargo, e, parece que me afundo
Num vácuo delicioso de ansiedade. . .
Capítulo segundo. . . Começo.. . Não releio.
Tenho receio. . .
É reler, devagar, toda a minha saudade !

O meu romance. Capítulo terceiro:
Velhice. Estão as páginas em branco.
Ainda nada escrito. Será cedo!?
Sairá este capítulo mais triste que o segundo
E que o primeiro?

E eu novamente tenho medo, ..
Tenho medo de principiar.
Cismo. . . Enraiveço-me. . . Depois, arranco,
Uma por uma, num grandioso gesto fútil,
Todas as folhas desse meu romance inútil.

DE VOLTA

- I -

Vinguei, num brusco esforço, o velho morro
Daquele saudosíssimo caminho.
Mais uns passos. . . e perto já adivinho
Uns latidos amigos de cachorro.

Sinto-me leve agora, quase corro;
É minha terra, é meu querido ninho!
E toda a infância, num imenso jorro
De saudade, me inunda, em torvelinho!

Relembro. . . e enquanto assim vou relembrando
Chego ao terreiro bem em frente à casa,
Onde me esperam todos num só bando. .

Um turbilhão de abraços já me arrasa,
Todos falam e gritam. . . e eu vou entrando: -
- “Água, sim, por favor”. . . a goela em brasa...

- II -

Dois segundos de espera, e sobre um prato
Vão-me servindo, em copo de cristal,
Essa água clara e boa que há no mato,
Matadora de sede sem rival.

Bebo-a, sôfrego, quase de um só jato!
Que gostosura fria e vegetal!
Devem, creio, ocultar no anonimato
Alguma geladeira no quintal.

Impossível senão delícia tanta
Nesse copo, o mesmíssimo de outrora,
Do meu tempinho bom de meninice.

O mesmo em que molhei minha garganta
Dolorida de prantos, naquela hora
Derradeira, um pouco antes que eu partisse.

FIM DE RUA

Fim de rua, deserto, triste, obscuro,
De subúrbio em ruínas e onde grassa
Um mundo de heras pelo velho muro
Sorrindo verde a quem por ele passa.

Gramas, guaixumas, cacos, um monturo,
Largatixas tomando sol de graça;
Trilam grilos nalgum cantinho escuro
E um carriça, pelas fendas, caça.

Inútil fim de rua. . . Esquecimento. . .
Ora ao sol, ora à chuva, ao frio e ao vento,
E, da bulha central, fora de alcance. . .

Ninguém compreende a singular história
Dessa tua existência vã e inglória
Ocultando, como eu, triste romance.

VALE A PENA?

Não, penses, (quase é insensatez supô-lo)
Nesses momentos, poucos e fugazes,
Que o vício atira aos olhos dos rapazes,
Achar, no seu prazer, algum consolo.

Serão antes supremo desconsolo
E causa dos remorsos mais minazes.
Vê, medita bem tudo o que fazes,
Ouve o conselho de um poeta tolo.

- “Oh! dir-me-ás, são gotículas apenas
De mel, por sobre as aflições terrenas,
A adocicar seu trágico amargor”.

Justo seria, amigo, o que me dizes
Se por segundos que supões felizes
Não sofresses, depois, eterna dor.

FRATRICÍDIO

Manhãzinha. No fundo da floresta
Tudo são pios e canções diurnas.
O sol-bom-dia é todo uma só festa
De lanças de ouro a cotucar as furnas.

No bojo de uma fronde a que noturnas
Sonolências a sombra ainda empresta,
Súbito em árias longas e soturnas
O poeta-sabiá se manifesta.

Mas. . . pum! retumba um tiro, tomba o artista,
O matinal declamador expira,
Sucumbe, a chumbo, o mísero sabiá.

E o assassino feroz e fatalista?
- Não pasmeis! Foi um seu irmão de lira,
Foi um poeta, foi um seu xará.

CRIANCINHA SEM LAR

“Por que choras assim e tanto gritas,
Pobre criancinha, ao frio da calçada?
Teu pai e tua mãe, almas aflitas,
Te procurem talvez; volta à morada.

Volta, volta e verás quantas bonitas
Cousas te esperam. Já tão avançada
Vai a tarde friorenta. Já infinitas
Caem as sombras da altura enregelada”.

Enxugando no punho o pranto quente
Respondeu-me a coitada tristemente:
“- Eu não tenho ninguém, vivo sozinha...

Sou como ela “. . . E, a apontar com o dedito,
Mostrou-me nos abismos do infinito,
Tiritante de frio, uma estrelinha. . .

O POSTE

Solitário, insensível, feio e magro,
Se esgueira o poste dentre o casario.
(O soneto que eu hoje lhe consagro
É assim também – ingloriamente frio).

Sobe e trabalha. Que afazer mais agro!
Sempre a arrastar quilômetros de fio!
Seria a causa de ele ser tão magro,
De ser assim, tisticamente esguio?!

Mas não importa, velho poste; grande
É a utilidade que por ti se expande,
E tens razão de possuir tal porte.

Que queres mais? Carregas em teus braços
As léguas, as distâncias, os espaços
A força, a luz... e, às vezes, até a morte!

VAGALUMES

Riscando a cisma negro-azul do lago
De pestanejos fúlgidos, desperta
O luminoso enxame, num afago,
A solidão da chácara deserta.

E invade tudo; um ofuscante estrago
De sua lanterninha verde e incerta.
Incendeia o bambual seu brilho mago
E as estrelas do céu ficam de alerta!

Pirilampos! Meu Deus, quanta saudade
Daquelas minhas noites de menino!
Que caçadas noturnas, que ansiedade!

Mas agora, só agora, (ingênuo) atino
Que mais tarde seria (oh! igualdade!),
- Caçador de ideais, o meu destino!

TRISTEZA CREPUSCULAR

Entardece no sítio. Das tigüeras
Sobe um piar angustioso de nambus.
E o sol, triste pintor de sombra e luz,
Tinge de ouro a pobreza das taperas.

Ciciando, uma touceira de bambus
Contar, parece, a história de outras eras.
E as copas, recolhidas em capuz,
São velhas monjas, quietas e severas.

Acentuam-se as sombras. Muge um touro
Pela magoada imensidão dos campos
Junto ao frescor de oculto bebedouro.

Escurece. Dos sotos e espessuras
Saem enxames de inquietos pirilampos,
Caem enxames de estrelas das alturas.

ASSALTO

No cume de meu Sonho edifiquei,
Todo de ouro a fulgir, imenso e belo,
Elegendo-me o só vassalo e rei -
Deslumbrante e magnífico castelo.

Nele, feliz vivi; feliz sonhei!
Mas, um dia, raivoso me rebelo
E o que com tanto amor edifiquei
Rasgo e derrubo, a golpes de martelo.

E qual teria sido a razão toda
Daquela destruição bárbara e douda
Que o meu castelo assim pôs aos montões?

Pudera! Nos seus paços obumbrantes
Já se viam estranhas habitantes -
Era um covil medonho de Ilusões.

O MENDIGO

O infeliz, destroçado e macilento,
Que escalara, afinal, alta montanha,
Vê palpar em baixo, no relento,
Com milhões de luzinhas, urbe estranha.

As lâmpadas celestes em tamanha
Profusão vê, também, no céu cinzento,
Retratando a cidade que se acanha,
Parece, ante o estelífero portentoso.

Estrelas vivas no alto; em baixo, estrelas!
Face a face, dois céus! (A noite rola.)
De Deus aquelas, estas, o homem fê-las!

E o mísero que em dúvidas se atola
Não sabe a quais olhar. . . Como escolhê-las
Se umas lhe dão alento e, outras, esmola?!

PEQUENA TRAGÉDIA

O olhar firme, magnético, ferino,
Sondando as copas quietas do arvoredo,
Bodoque às mãos, agacha-se o menino,
Numa imobilidade de rochedo.

E espera. . . espera. . . Súbito lá encima
Repousa um pintassilgo pequenino
Que canta, ingenuamente canta e rima,
O poema feliz do seu destino.

Num silvo de serpente traiçoeira
Parte a pelota rápida e certa,
Acerta e mata, bárbara e selvagem.

E a impressão que se tem nessa hora triste
É a de um pequeno drama ao qual se assiste
Sob a sombra inocente da ramagem.

O PRANTO

Verter pranto abundante, às vezes, que vergonha!
Mas as lágrimas sendo a linguagem da dor
Nada as detém; e é em vão, é inútil se lhes oponha
A força de um abafio enorme, sofredor.

Jorram. Serão talvez, uma ilusão tristonha
De um coração ferido aos pés de um findo amor.
Serão adeus, talvez; serão de alma que sonha
Os castelos de sol desfeitos com fragor. . .

Por que ter pejo quando a noite também chora,
Se o orvalho em pranto cai das pupilas da aurora,
Se as estrelas também são lágrimas de luz?!

Oh ! como é bom chorar esse pranto que é esmola,
Que desafoga o peito, e reanima, e consola,
E que apenas num gesto a alma inteira traduz!

INFÂNCIA

Quantas recordações da infância fugidia,
Da infância que se foi, quantas recordações!
Os dias passam numa extensa romaria,
Desfilam, sem cessar, em longas procissões.

É-me, a terna saudade, o pão de cada dia,
Lenitivo melífluo às minhas aflições.
E não esqueço nunca uma alma cara e pia
Que me fez aprender bonitas orações.

Meninice! – Horizonte azulado da vida
Refulgindo de sol, longe da humana vista,
Mas que, sempre a sorrir, nos acena e convida.

Que por mais que se queira a gente não conquista
Pois que o nosso caminho em contínua investida
Leva-nos ao contrário e sempre mais nos dista.

DOMINGO

Logo cedo repiques para a missa
Diafaneidade ambiente de cristal.
Sob a janela uma roseira viça
Rescendendo um olor sentimental.

Sol quente. Meio-dia tropical.
Refeições. Indolências. Que preguiça!
Nuvens (roupa de espuma alva e maciça)
Tomam anil na concha celestial.

Sentem-se frêmitos de luz nas células,
Fere os olhares um faiscar de pérolas
Que sobe das calçadas e paredes.

Vêm-me, não sei porque, fora de senso,
Vagos desejos de me achar suspenso
Por sobre um mundo intérmino de redes.

NOITE CAMPES TRE

Noite de estio. Na fazenda. Espicho,
Cansadíssimo, o corpo langue ao longo
Do leito, e, levemente, sem capricho,
Por qualquer devaneio a mente alongo.

Insônia. Beliscões de carrapicho.
Buzinadas sutis de pernilongo.
Trissam grilos e inquieto camundongo
Rói, aqui, fuça além, rasgando lixo.

O quarto, uma fornalha. Estalam vigas;
Pelo telhado rufla uma asa tonta,
Descem guinchos diabólicos de brigas.

Fora, no pez da noite, andam fantasmas;
Sua estrelas o céu, de ponta a ponta,
Piam corujas nas distâncias pasmas.

VELHO CASARÃO

Casarão, mausoléu glorificado
A entesourar recordações mediúnicas.
Rotas paredes, testemunhas únicas
Da história milenar do seu passado.

Solitário solar de horror povoado,
De duendes e fantasmas de alvas túnicas.
O chão ressuma ainda ondas budúnicas
E há um cavo estalar de ossos no assoalhado.

No silêncio da noite o casarão
Revive pelos velhos aposentos
Os dramalhões brutais da escravidão.

E quando entre os desvãos do amplo telhado
Ganem soturnamente, os longos ventos
São gemidos de um negro chicoteado.

INDELÉVEL RETRATO

Quando menino, sensações de vulto
Não tive, sensações próprias da idade.
Sempre vivi desconhecido e oculto
Longe do vão bulício da cidade.

Fiz da vida campestre um quase culto,
Da natureza, quase divindade.
E trago ainda (que felicidade!)
Um coração silvestre em mim sepulto.

Um dia precisei deixar meu ninho,
Trocar o seu calor e o seu carinho
Por duras contingências do viver.

Mas nem belas visões de outra paragem
Puderam apagar a sua imagem
Gravada tão profunda no meu ser.

RECORDAR

Recordar é beber um pouco de passado
Da taça transbordante e enorme das saudades.
É novamente andar onde se tem andado,
Viver o que se foi, viver outras idades.

Recordar. . . Ter presente ao espírito extasiado
A paisagem natal com minuciosidades.
Sentir o palpitar de um coração ao lado
Num tumulto de dor, num tropel de ansiedades.

Recordar. . . Um adeus a tudo o que se deixa,
E partir, afogando o pranto numa queixa,
Desfiar, desfiar um rosário só de ais...

Recordar... Confundir no âmago do peito
O amargor e a alegria de um sonho imperfeito. . .
Recordar. . . Recordar somente, e nada mais. . .

SAUDADE CREPUSCULAR

Esvai-se a tarde. Leve, do alto espaço,
Cai rumor de cortinas sobre a terra.
E o céu é uma pupila que o cansaço
Da pálpebra noturna aos poucos cerra.

Tristeza opaca, grande, da cor de aço,
Dilui-se lenta, lenta, pela serra.
Fico triste também, nem sei que faço,
Sinto um mistério que a minha alma aterra.

São pungências de sombras indecisas,
São lamentos que vêm na asa da brisa,
São vácuos gigantescos de ansiedades.

Vejo a noite que chega, toda estrelas;
Como Bilac procuro compreendê-las...
Mas isso tudo não serão saudades?. ..

AMÉRICA

Caravelas históricas, audazes,
Rumo ao desconhecido azul e cuja
Rota foi um arrojo de alcatrazes
E um punhado de heróis sua maruja!

Colombo, o visionário!. . . Eis que já somem
Na distância anilada as débeis naus. . .
Colombo!. . . mais parece um deus que um homem
Devassando do oceano o ignoto caos!

Grandiosidade, intrepidez homérica. . .
A humano pequenez perdida no infinito,
Numa solene isolamento quimérica!. . .

E a dúvida. . . e o mistério. . . e – ergue-se um grito!
Os joelhos se curvam: – “Deus bendito,
Possível?! Terra. . . Terra?!” – Sim, a América!

“MEZZO GIORNO”

As casas se estatelam no mormaço
Ofuscante de sol. Postes esguios
Param na rua, mortos de cansaço
De tanto carregar feixes de fio.

Indefinido sobe pelo espaço
Um turbilhão de finos assobios
De atmosfera fervendo. No regaço
Da altura, libram-se urubus vadios.

Pelas vias estáticas, imóveis,
Transitam alguns raros automóveis
E raros transeuntes sonolentos.

Num campo, ao longe, onde loureja o sol,
A criançada disputa futebol
Ou larga um papagaio aos quatro ventos.

NO HORTO

Debuxado a “crayon” na tela do cenário
Num fundo indefinido o olivedo farfalha.
Éo Getsêmani. Noite. E Cristo, solitário,
Triste, e em prece, agoniza, e, no íntimo, batalha.

Sua sangue, e, o suor pelo solo se espalha;
Num rio de perdão avulta, tumultuário,
Inundando, bendito, essa terra canalha
Que o vai crucificar como a um louco ou sicário.

“Se é possível, meu Pai”... Tão grande é o desconforto!
Volta junto de Pedro e este dorme! Pelo Horto
Vagam résteas de archote e possos abafados.

Um ósculo. .. Sou eu. . . cai a escolta e vacila!.. .
- Sou eu, repete a voz, divinal e tranqüila!
E Cristo estende as mãos à corda dos soldados.

“STELLA MATUTINA”

Homem, que vais seguindo pela estrada
Desta breve existência, em turbilhão,
Hão de surgir-te, a cada encruzilhada,
Os fantasmas da Dor e da Ilusão.

As flores da alegria desejada,
Arrancadas por pérfido tufão,
Irão ficando atrás, em debandada,
E, com elas, os sonhos ficarão.

Porém, levanta os olhos macerados,
Descobre a Estrela que te indique o norte
E te desvie de múltiplos pecados.

E em tua fé te sentirás mais forte,
Bendirás os penares já passados,
Pois é esta, homem, tua própria sorte.

O POETA

Quando o enxergam passar, passos pequenos,
A face magra, quieto, entristecido,
Lançando, às vezes, no ar, mudos acenos
Em gestos de abraçar o indefinido;

Quando o enxergam passar (e o seu ouvido
Não atende aos insultos dos terrenos)
Todos, num quase acento comovido,
Dizem: “Deve ser louco, mais ou menos”.

Um dia (nem eu sei como se deu)
Conversamos. Contou-me todo o seu
Viver cheio de angústias e revezes.

É poeta. . . arrependo-me dizê-lo,
Pois eu sei que dirão, agora, ao vê-lo:
“Poeta?. . . então é louco duas vezes!”

IGREJINHA NATAL

Minha igreja natal, branca e risonha,
Pequena como todas as capelas
Que há nas fazendas e onde a gente sonha
E eleva ao céu as orações mais belas.

E toda a tarde, mal o sol se ponha,
Incendiando de luz suas janelas,
Vibra no espaço a Ave Maria tristonha,
Enquanto o altar vai acendendo as velas.

Linda igreja onde na minha infância
Fiz a primeira Comunhão e onde
Aspirei dos incensos a fragrância.

Nas novenas que amor e que piedade!
Teu vulto no meu íntimo se esconde,
Trago-te n'alma envolta de saudade.

TAPERA

Torce o caminho, manso, e entre pedras percorre,
Agarrando-se, ansioso, à encosta da colina .
Sobe-se um pouco e o olhar curioso descortina
A paisagem feral da tapera que morre.

Reina a desolação e a tristeza domina.
Tudo, restos mortais. A luz do sol socorre
Piedosamente, a flux, como um bálsamo, e escorre
Sobre a ferida em flor dessa bela ruína.

Tetos a desabar, muros em derrocada,
As cercas pelo chão, porteiras vacilantes,
Pompeando os ervaçais na casa abandonada.

Cadáveres, e só, da rica habitação
Onde floriu feliz o grande senhor d'antes,
Dos tempos memoriais da negra escravidão.

NOTURNO

Um perfume noturno abandonado
De abandonadas rosas de carmim.
Um palácio de fadas, encantado,
Na penumbra encantada do jardim.

Um grilo dá o comando em seu clarim
A uma tropa invisível (que soldado !)
Quem tanto embranquiçou o lírio assim,
Que está tão alvo, como que assustado?

Quem cochicha assim leve? E esses choros
Entre as sebes de folhas e de olores?
E esses esguios e longínquos coros?

É à minúcia arabesca de magia
Desse noturno lírico de flores,
Que a noite aveludada acaricia.

APÓS TRÊS DIAS DE CHUVA

Por onde terá andado este sol quente
Durante aqueles dias plúmbeos, frios,
Quando a chuva cinzenta, intermitente,
Velava o céu de bruscos arrepios?

Mas hoje o sol se esbanja intensamente
E inunda tudo de clarões sadios.
Andando pela rua a gente sente
Comichões de gostosos arrepios.

Devem ser as carícias luminosas
Da quentura solar que o céu derrama,
Azul, com nuvenzinhas floconosas.

Tenho vontade de sair lá fora,
E, espichado de costas sobre a grama,
Embebedar-me dessa luz sonora.

VENDEDOR DE PINHÃO

“Pinhão queeeente. . . pinhããã. . . “ Oh! vida incerta
Dessa voz a apregoar de rua em rua!
E a rua está tão triste e tão deserta!
E o frio fere a gente como pua!

E o noturno pregão se me insinua
N’alma, pela janela semi-aberta. . .
Agora já vai longe e mal flutua
O eco, na noite fria e descoberta.

“Pinhão queeeente. . . pinhããã. . .” Éo seu trabalho,
É pão para os filhinhos, é agasalho,
É carinhos, é lume, é cobertor. . .

E eu sinto inveja, inveja de verdade,
Da humilde mas real felicidade
Desse feliz e honrado vendedor.

PAINEL EVANGÉLICO

Lourejava o trigal à beira do caminho
Sob o afago da luz de um céu de anil.
Seguiam Cristo e os Doze. E a brisa, de mansinho,
Entre os cachos ciciava um violino sutil.

Um pipilo de amor, cauteloso e gentil,
Se evolava, a trinar, de cada oculto ninho.
E mais além a turba, ora amiga, ora hostil,
Movia-se confusa, em longo burburinho.

E Cristo, então, pousando os olhos sobre a messe,
Sobre as espigas de ouro em revérberos vivos,
De certo descerrou os lábios numa prece.

Pois que, numa visão consoladora e mística,
Antevia através dos tempos sucessivos
A outra imensa seara – a Seara Eucarística!

RUÍNAS

Caminho entre ruínas. Muge o vento
Ao passar entre os muros denegridos.
Pesa a opressão fatal do esquecimento,
Ambulam sombras de entes esquecidos.

Caminho. . . Desce do alto o lenimento
De um luar sedativo, pois, feridos
São os muros, o teto, o pavimento,
Por onde trilam grilos escondidos.

Destroços de ilusão, de ideais, de sonhos,
Trapos de corações rotos, tristonhos,
Foi tudo o que encontrei em muitas vidas.

Que nem tinham sequer o lenitivo
De um luar de consolo, branco, vivo,
Levemente a pensar-lhes as feridas.

MANHÃ FAZENDEIRA

Manhã fazendeira!
Pela devesa
Gazes de neblinas
De fluídica leveza .
Deus sintonizou o rádio da floresta
E a natureza
Em “sentido” ficou ouvindo o hino brasileiro
Na sinfonia marcial da passarada brasileira.

Manhã fazendeira.
Com clarinadas claras de galos madrugadores,
Com saxofonadas barítonas de touros mugidores.
Árvores filigranadas de aranhóis
Espanejam-se ao sol.
E pulverizadas de arrebol
Chovem fúlgidas gotas de cristal,
Qual tivessem saído nesse instante
De um banho refrescante
De luz matinal.

Há ainda uns fiapos de noite
Esquecidos nos finos trilos dos grilos pela grama.
Há versos truncados de canções em surdina
boiando no lirismo levemente colorido
Da ressurreição matutina.
Cantos débeis de rústicos violinos
Que a voz dos lavradores, de mansinho,

Evolam durante o duro afã
Do “pão nosso de cada dia”,
Evocando saudades do tempo de menino;
Vozes-magia
Que têm força de imobilizar rudemente
A alma caipira da gente,
na vaga contemplação
Da manhã bucolicamente espiritualizada.

Manhã fazendeira.
Estendendo sol gostoso pela estrada,
Onde a areia orvalhada
Parece tem sabor de açúcar a secar.
Passa alguém, um camarada,
Enxada aos ombros, a faiscar.
E a sua silhueta desenhada
Na meia-tinta rósea do ambiente
Dá a impressão de algum cromo brasileiro
De um pintor nacional;
Ou evoca fantasticamente
A figura de um deus original.
E ele é um deus!
Que faz milagres de trabalho,
Que alinha cafezais e milharais pelos encostas
Em marcha triunfal!
E, como por encanto, nas baixadas,
Faz surgir num derrame de verdume
Oceanos de arrozais
Que o vento ondula coalhado de perfume
E vozes musicais.

Lavrador brasileiro,
Ao chicote do sol o dia inteiro.
A semear a semente do progresso
Da tua imensa pátria,
Somente o estulto, somente o não patriota,
Só o que julga talvez que patriotismo
É viver encaixado em geométrica fatiota,
Repugnar-se do teu justo caipirismo,
Atufar-se em almofadas e cafés,
Só esse te despreza,
Lavrador brasileiro,
Porque ele não conhece o que tu és.

Borboletas inquietas
Andam tontas de olores
Prá cá prá lá, beijando as flores;
Beijos de flores que são de mel!
E todas elas tão coloridas
Envaidecidas
de seu mister.
E, enfeitando todo o painel,
Que às vezes fica-se duvidando
Se são os flores que estão voando,
Se as borboletas que estão pousadas.

Manhã caipira,
A tua lembrança
Põe-me pedaços de sol na alma.
Trechos fugidos de infância mansa!
Põe-me, no fantasia, tanta poesia

Que me inebria;
Que sinto e vivo intimamente
E bem quisera escrever prá toda a gente.
Impossível, porém;
Tão doce é a tua lembrança
E a tua glorificação,
Que eu me contento somente
Em ter-te presa no coração.

HIBERNAL

Tarde pálida. A brisa enregelada
Passou junto da copa da mangueira
Que fremiu, colossal, friorenta fada,
Sua negra e compacta cabeleira.

Viajando ao longe, na mudez da estrada,
Ninguém... Um João-de-Barro na porteira
Soltou uma estridente gargalhada
Em coro alegre com a companheira.

Outra aragem soprou. Uma paineira
Desfolhou-se tristonha e amargurada.
E um bando de andorinhas, em ligeira

Revoada, demandava outra morada...
Inverno. Treme a natureza inteira
E minha alma, também, desconsolada.

FINADOS

A quietude eternal do triste Campo Santo
Hoje se anima, e, vem buscar-lhe a soledade,
E rasgar-lhe o silêncio – esse lutuoso manto -
Em longa romaria, a inquieta humanidade.

As flores põem por tudo um dolorido encanto;
Desfolham-se por terra em lágrimas... quem há-de
Penetrar este mundo extinto, e, no entretanto,
Não vislumbrar, aqui os umbrais da Eternidade?

Mortos! Em cada olhar renasce antigo pranto,
De cada alma, a chorar um ai de dor se evade,
Ressurge uma visão amiga em cada canto. . .

Finados! Que contraste e que doce verdade:
Morrem, por um momento, os que vivem, enquanto,
Um morto, em cada qual, revive na Saudade!

A ESMOLA

A presença de um pobre numa esquina
Esmolando à piedade de quem passa,
Cava-me n'alma um vácuo que assassina
O desejo de ter, pondo-o em fumaça.

A riqueza não é mais que uma traça
Que à consciência social corrói e atina
Quando, às vezes, renega ao pobre a graça
De alguma esmola, embora pequenina.

E é possível assim tanta vileza
Entre mentes humanas? É possível
Negar-se um pão à boca da pobreza?!

É possível. E isto é que tumultua
A profundez deste meu eu sensível
Quando vejo um mendigo pela rua.

PRIMEIRA COMUNHÃO

A criançada do bairro onde eu habito
Alvorçando o templo em multidão,
Palpita em festa neste dia bonito
Que é o da sua Primeira Comunhão.

Duas a duas, num rumor de prece,
Almas de lírio, cândidas na veste,
Como um cortejo de anjos que tivesse
Vindo em revoadas da mansão celeste.

“Domine non sum dignus”, diz o padre. . .
E os vitrais coam raios purpurinos
Tremulando reflexos de paraíso. . .

O’ criancinhas de angélico sorriso,
Chegai-vos sempre ao Pão dos Pequenininhos
E deixai que, furioso, o Inferno ladre.

RIACHUELO

Trava-se pavorosa e sangrenta a batalha
No entrechoque brutal das naves incendiadas.
Cínicas, infernais, horrendas, da metralha
Reboam, pelo espaço ardente, as gargalhadas.

Em bicas jorra o sangue onde o canhão retalha
Decepando, a rugir, testas ensangüentadas.
Gritos, imprecações, preces, fuzis e espadas,
Tudo ali, em confusão, se levanta e baralha.

Intrépido, de pé, na torre de comando
Barroso. . . como um deus guerreiro e formidando
Que o fogo e o fumo, em caos, mal deixam entrever.

E quando a luta ardeu mais épica e mais fera,
Soou a grande voz do bravo: – “A Pátria espera
Que cumpra cada qual seu sagrado dever”.

QUEM PASSOU PELA VIDA E NÃO FOI MOÇO

Devagar vou cortando o meu deserto,
Meu árido deserto de amargura.
Ziguezagueio sem ter caminho certo,
Sem os lábios molhar em fonte pura.

Se eu tombar e me vires encoberto
Pela areia cruel dessa planura,
Ao menos tu, não temas chegar perto
E por ali me dares sepultura.

Vê se encontras um oásis de palmares
Por onde desça a luz do azul do espaço,
Depõe nele meu corpo em frio fosso.

Coloca numa cruz em fundo traço
Este lema: “Aqui jaz, com seus penares,
Quem passou pela vida sem ser moço”.

ANDROFOBIA

Enquanto a mocidade se enfatua
No tumulto das festas e do gozo,
Mais eu fujo do estrépito da rua
Em busca do silêncio e do repouso.

E quase odeio esse vozear ruidoso
Que pela praça ondula e tumultua.
Prefiro um quarto a sós mas que possua
A quietude do estudo laborioso.

Sou assim. Tenho um gênio que destoa,
Diverso de qualquer outra pessoa,
Que se esquia de toda multidão.

Todavia, eu também sinto e padeço,
Alegro-me, soluço, lembro e esqueço,
E tenho, a palpitar, um coração. . .

“MATER DOLOROSA”

Dentro de entardecer ensombrado e funéreo
Que, em agonia, lento e longo se debruça,
Tem uma angústia imensa o angustioso mistério
Que no cume cruel do Calvário se embuça.

Maria, a Mãe, ao pé da Cruz, triste soluça,
Ferido o coração sem qualquer refrigério.
E a cada olhar que lança ao Filho, no alto, aguça,
Mais e mais essa dor, e mais, profundo, fere-o.

Se é medonho o sofrer do Cristo agonizante,
Se a fronte tem rasgada e o corpo gotejante
Do sangue que lavou a face aos pecadores,

Qual não será também o dessa Mulher Santa
Que para mitigar a dor que nos quebranta
Chamou-se, e com razão, a Virgem Mãe das Dores?!

DOIS QUADROS

À moda de Castro Alves

O Lavrador

Vibra o sol. Saltam lascas rubras de aço
Na soalheira esasmódica do espaço,
Caustica e ferve o chão.
Herculeamente o lavrador trabalha,
Faz da enxada um punhal, trava batalha,
Colhe uma glória – o pão.

Já é tarde. Rolam sombras no infinito.
No vale, esvai-se um derradeiro grito
De pássaro cantor.
A natureza sente a angústia parda
Da tarde ida, e, da noite que não tarda
Sente o vago pavor.

E volta o lavrador. Busca a cabana
Onde o esperam os olhos da serrana
E, os filhinhos, talvez.
Chega. Trocam sorrisos. . . e a ansiedade
Desse momento de felicidade
Lhe inunda em cheio a tez.

Dentro, então, ao clarão de uma candeia
Solve gostosamente a simples ceia
Que o trabalho lhe deu.
E lembra... num altar muda-se a sala
Um incenso de prece ali se exala
Agradecendo ao céu.

* * *

O Homem da Oficina

Pirilampejam vagalumes quentes
Os martelos nervosos cravam dentes
No ferro abrasador.
As faíscas são lágrimas acesas
Que ele chora, calado, sem defesa,
Estorcendo-se em dor.

O ferreiro – homem rude do cenário -
Transforma-se em algoz, negro sicário,
Estranho Satanás,
De cedo à tarde massacrando vítimas
De ferro. . . deve ter razões legítimas,
Só por gosto o não faz!

É mais, – é sacerdote! Uma oficina
Por templo. Seu trabalho – por doutrina,
O pobre – por irmão.
Malho e bigorna – por altar sagrado,

Ruivo turíbulo de fogo ao lado -
Tudo numa oblação.

Mas não. Esse homem sujo no trabalho
Reza. O estridor dessa bigorna e malho
É uma bela oração,
Que vai da terra ao céu, porque da terra
Leve toda a grandeza que se encerra
No humilde ganha-pão.

POR QUE TEMER?

Cristo, antes de subir para o Calvário,
Agonizou no horto, em sangue e dores.
Jardim das Oliveiras, santuário,
Grandioso templo para os sofredores!

Getsêmani. . . Que tétrico cenário
Na antevisão de angústias e de horrores!
E a subida, depois, como um rosário
De sofrimentos glorificadores!

Ele era Cristo. E nós, nós também temos
Um Gólgota a escalar. . . Pedras de ponta
Vão juncando o caminho que fazemos.

Pois se Ele teve um horto e tanta afronta,
Por que nosso Getsêmani tememos,
E uma pequena cruz nos amedronta?

O JOÃO BAIANO

Quando eu era pequeno
Tinha um medo louco do João Baiano.
Aquele negro que andava de alpargatas
E um facão pendendo da cintura.
(Um facão descomunal!)
E nas noites escuras afundado no leito
A minha fantasia de criança
Ideava-o um gigante ressurgido
De enorme compostura
E corpo colossal,
Que tivesse saído dos recônditos da mata.
Mas o João Baiano era bom.
Negro velho dos tempos do Brasil- Colônia,
Do Brasil-Pequeno, do Brasil-Menino,
Tinha, no rosto, a paciência dos escravos;
Na estatura, a rjeza dos robustos;
Nas cicatrizes, as vergastadas da escravatura.
E por tudo o estoicismo no destino
E os estigmas dos bravos.

Depois que eu cresci o João Baiano
Começou a habitar no rancho brasileiro
Da minha alma.
E quando o vi pela última vez, já velhinho
E alquebrado
(tinha mais de cem anos se não me engano)
A sua figura calma
De herói dos cafezais

Ficou gravada em cheio no meu íntimo.
Tão profundamente
Que o não esqueci jamais.
Nunca mais!
Disseram-me que ainda vive.
Coitado, deve estar tão branquinho!
Também para ser pai deste Brasil-Homem de hoje
Não é brincadeira!
Foi ele, o João Baiano, que deu rijeza
Às carnes brasileiras.
Ele, que lhe injetionou em sangue africano
A seiva musculosa
Que todos os anos faz exibição escandalosa
No festival das flores e dos frutos dos cafezais.
O suor dos cativos africanos
Foi chuva diluviana que empapou,
Por extenso, o território nacional;
Que escorreu de cada monte e todo o vale
E fez brotar, em cada, um cafezal.
E é por isso que ao passar por qualquer
Talhão verde negro de café,
Suponho ainda ver escravizado,
Em filas obedientes enquadrado,
Como tropas infinitas de soldados,
Um africano velho acorrentado,
Solene, eternamente, acororado,
Martirizado,
Em cada pé.

O João Baiano era bom.
E passou a morar no rancho acaboclado
De minha alma.
Talvez seja ele mesmo que agora salma,
Com aquele seu jeitão de feiticeiro,
Estes versos desconjuntados,
Estas linhas sem a mínima instrução;
Livres como era livre a idéia dele,
Pois que ele tinha o pensamento libertado
Embora o corpo
Estivesse sujeito ao chicote do patrão.

O João Baiano era bom.
Fazia gaiolas e bодоques
Pra criançada da fazenda.
E muitas vezes dizia à mocidade
No barbarismo feliz de sua linguagem,
Semi-selvagem;
“Moços, eu não tenho a liberdade
Que a nhá Isabelinha concedeu
Aos negros da escravidão,
Porque nesta terrinha brasileira
Eu tenho a minha alma prisioneira
E argamassado meu coração”. . .
O João Baiano era bom.

RECORDAÇÃO PUNGENTE

Não sei se foi a culpa minha ou tua,
Ou, talvez, tenha sido do destino.
Sinto é que assim tão breve se destrua
Todo o nosso romance de menino.

Recordemos: a aldeia, a igreja, o sino,
Dias cheios de sol, noites de lua.
E os brinquedos, a escola com seu hino,
O pomar, as lavouras, a charrua...

Recordemos. . . Oh! não, que o peito estala;
Tanto dói no meu íntimo a saudade
Que é melhor, por favor, não provocá-la.

Tentarei te esquecer nos sonhos meus;
Entanto, faz-me a grande caridade
De me trazer teu derradeiro adeus.

LETREIROS

Pintalgados nos muros pensativos,
- Mudas telas do grande cine-praça -
Letreiros garrafais, imperativos,
Estão leiloando à gente-passa-passa.

Um, berra a barateza dos arquivos.
Outros: – NÃO HÁ MELHOR, QUASE DE GRAÇA.
ARTIGOS DE ABAFAR – APERITIVOS -
GRANDE LIQUIDAÇÃO – QUEIMA – FUMAÇA.

Amarguras, Tristeza, Íntima Calma -
Alegrias, Paixões Febricitantes -
Sobre tudo, a SAUDADE que se espalma,

Nós também somos muros ambulantes
Ocultando letreiros dentro d'alma,
Exibindo letreiros nos semblantes.

FAZENDA

A casa grande. O cafezal sorrindo
Engrinaldado de florinhas brancas.
E as trepadeiras de São João florindo
Pelos cercas ao longo das barrancas.

Do pomar, sob os pés de tamarindo,
Se erguem risadas infantis e francas.
E pelo pasto os alazões fugindo
Tremem ao sol as luzidias ancas.

É meio-dia; à porta da senzala
O negro velho uma canção murmura
Que, triste e doce, ao coração nos fala.

Baforando fumaça para a altura
O engenho, todo afã, suando, exala,
Um gosto de garapa e rapadura.

MANGUEIRA SAUDOSA

Mangueira do quintal de minha casa,
Daquela casa de sítio, tão bonita!
Quintal não, pois a expansão era infinita
E não intra-muros como esta da cidade,
Onde, eu acho, o passarinho-liberdade
Tem apenas uma asa
E jaz tombado, encarcerado,
Na cadeia geométrica
Dos quintais apertados,
A lembrar visões tétricas
De condenados.

Porém, minha mangueira, não é bem isso
Que tentava escrever.
É que quando me ponho a esse serviço,
Não sei porque, logo eu atijo
A minha fantasia de poeta enfermiço
A doudejar em disparates,
Que a gente, por aí a fora, considera
Qualidades essenciais, profissionais,
Dos pobres vates.

Mangueira, mangueira, talvez secular,
Pois que já existias quando eu nasci
E ainda existes agora, depois que eu cresci,
Mangueira copada, gosto muito de ti.
Lembras-me tantas cousas,

Tantas recordações dos meus tempos de criança,
Quando eu, com os manos e os priminhos,
Espichados de costa à sombra mansa
Da tua copa onde havia passarinhos,
Espiralávamos na idéia castelos longínquos de
esperança,
Castelos incertos,
De um futuro risonho;
Que eram apenas sonho; porém, místico sonho
De olhos abertos.
Olhos devaneios que nada fitavam,
Que se perdiam a um tempo na tua fronde,
No céu, nas serras, nas nuvens que passavam,
Altas, informes, cheias de estranho frenesi.
E é por isso, mangueira, é por essas saudades
Que eu gosto tanto de ti.

Depois, como apreciava olhar-te da janela,
Quando o vento, enovelando-se em procela,
Desembestava pelo vale em rouco ronco
Vergastando o arvoredado!
(Confesso-o, eu tinha medo!)
Mas tu, não. Antepunhas-lhe, valente,
A rijeza dos teus galhos e do teu tronco
Onde ele uivava em vão, raivosamente.
Talvez assim quisesses dar-me o exemplo
De não me deixar levar à toa
Pelo tufão imenso
Da maldade.

Porém, opor-lhe o tronco do bom senso
Firmado nas raízes da bondade
E espalhado nos galhos do bem fazer.
Quando florescia era um escândalo
De tantos insetos e abelhas roubadoras
Que te assaltavam em cardumes.
Os beija-flores tinham ganâncias de vândalo
Na conquista do teu mel e dos perfumes.
E ai deles, coitados, se não foras
Assim inerte,
Obrigada a condição que assumes
De dar sem recompensa,
Numa excelsa atitude
De alma imensa .

E chegavam os frutos.
Louros, como pingos de sol no verde-escuro
De tua folhagem,
Hipnotizavam, de longe, os pássaros matutos.
E a criançada vinha, vinha o pessoal inteiro
Aproveitar-te largamente a camaradagem
Da distribuição gratuita das mangas amarelas,
Tão amarelas como se algum brejeiro
Pouco antes as mergulhasse num tinteiro
De aquarelas.

Era sempre, de tarde, porém, que eu preferia
Contemplar o teu vulto
Desenhado pensativo na melancolia

Do espaço enorme.
Quando cada coisa tem um alma triste,
Quando cada coisa se debruça e assiste
O fúnebre culto
Do ofício de trevas do dia.
Era então nessa hora de desconforto
Do ambiente morto,
O' mangueira,
Que pasmavas a copa cheia de ânsia
Num êxtase de dúvida, indecisa,
Semelhando-se bem a este meu ser
Que se volatiliza,
Ou, ao menos, tem vontade de se volatilizar
E, assim, ao Infinito, voar, voar. . .

CANÇÃO PLUVIAL

Olha a chuva fluídica, garoenta,
Encapotando, leve, o casario.
Olha a torre que sobe e se acinzentá,
Lá no alto, na ilusão de um sonho frio.

Olha, tudo se aquieta e se acalenta
Na dormência pluvial, macia e boa;
Escuta a sinfonia lenta, lenta,
Da chuva que a folhagem esboroa.

Não te apraz essa tarde de garoa,
Com arrepios frígidos de vento
E a música das gotas, tênue e calma?

Abre, então a janela e fica atento. . .
Não te inquiete, porém, o rumor lento
Da chuva que te está caindo na alma.

PEDAÇO DE ALMA

No meu íntimo guardo uma paisagem
Com músicas de sol e claridade.
Trouxe-a da infância, levo-a na viagem
Pelo caminho longo da saudade.

Como é bom recordar cada passagem
Que ela resume em si. Nada há que agrade
Tanto assim a alma onde as lembranças agem
Relendo sempre a história de outra idade.

Concentro-me. Revejo-a em sentimento:
Sol, árvores, estradas, aves, vento,
Tardes de ouro, manhãs sentimentais!

Doce infância, dulcíssimos momentos,
Ilusões desfolhadas, sofrimentos. . .
Oh! minha terra! Oh! Infância, nunca mais!

ESTRELAS

Estrelas!
Sarampo luminoso do céu
Que é a epiderme da noite tropical.
Estrelas!
Suor dourado escorrendo na face da treva
Que está ardente de febre, ou, frígida de agonia!

Estrelas!
Milagre de maná ofuscante, chovendo
No deserto do espaço!
Cristais rutilantes de gotas sangüíneas
Gotejando da ferida crepuscular
Que um monte assassino pouco antes
Rasgou na tarde, com uma punhalada no horizonte,
Círios acesos que os anjos trouxeram a braçadas.
Para velar o dia defunto que o monte assassinou
Entocaiado na dubiedade do crepúsculo.

Estrelas,
Letras de ouro na página do céu
Onde as Três Marias põem
Uma reticência de ansiedade
Depois que o olhar releu embevecido
O poema divino do Cruzeiro
E o romance fabuloso da Via-Látea.

Estrelas!
Desejos íntimos de almas sofredoras
Que, não achando, na terra, um coração
Onde se depositar, como num cálix,
(E o coração é um cálix atulhado de hóstias de dor)
Subiram para o céu, cristalizados,
E, hóstias, ficaram luzindo na eterna elevação
Do Sacrifício noturno.
Rosários fervidos de orações balbuciadas, baixinho,
No recesso espiritual dos conventos;
Tremulados nos lábios da velhice,
Espiralados das boquinhas inocentes das crianças.
Preces esperando sua vez pra entrar no céu.

Estrelas!
Versos inquietos de poetas incógnitos
Que bebem poesia na taça lírica da noite.
Borrifos incendiados do repuxo das constelações.
Dilúvio de vagalumes do infinito
Que sonhei, em pequerrucho, tantas vezes acariciar
Com as mãozinhas gulosas
Nessa mania angelical de pedir das crianças.
Estrelas,
Sonhos de românticos batráquios e libélulas
No céu fundo e invertido das lagoas cismadoras
Onde há encantamentos de palácios de fadas
E há estrelas soltas a vagalumear.

Estrelas!
Estrelas, sarampo do espaço!
Estrelas, suor das alturas!
Estrelas, maná luminoso!
Estrelas, gotas de sangue!
Estrelas, círios dos anjos!
Estrelas, escritas na noite!
Estrelas, hóstias! .
Estrelas, preces!
Estrelas, versos!
Estrelas, borrifos!
Estrelas, vagalumes!
Estrelas, estrelas! Eu quisera
ter um coração grande como a noite
Para abrigar-vos todas dentro dele!

MORADIA SAUDOSA

O' minha velha casa de fazenda
Num êxtase de plácida colina.
Com subtilezas mágicas de renda
E cochichos de cousas em surdina.

De longe, garça imóvel e estupenda,
Num fundo de visão esmeraldina!
O eucaliptal se aguça abrindo fenda
No coração da altura que assassina.

Sol de infância, o pomar, o pasto grande,
O mar do milharal que além se expande
E os luars sedosos do terreiro.

Choro, porque não posso mais, agora,
Ser menino caipira como outrora,
Gozar de novo o meu viver roceiro.

POEMA BÊBADO

Boêmia de esquinas angulosas
Com travesseiros errados de postes subindo
E sustentando lá em cima a candeia elétrica
Num bruxoleio ondulante, rodopiante,
Aos olhares bêbados do bêbado boêmio.

Boêmia de esquinas a vomitar lorotas,
Lorotas longas de horas e horas a fio
Aos ouvidos frios da praça insensibilizada;
A decifrar imagens que se truncam, que se alongam
Que se achatam, rodando, rodando,
Ante a lassidão das pupilas semi-abertas,
Sonolentas, sonolentas, sonolentas. . .

Bêbado de esquina,
Testemunha esquecida das horas altas,
Testemunha única das horas longas
Da noite arabescamente enlutarada
Com risos caricatos de lua redonda
Chovendo prata sobre o casario;
Bêbado boêmio da esquina,
Conversando à lua, a mulher de opala,
Bêbada como tu, bêbada esquecida
Numa curva do espaço;
No esquecimento largo de um céu de anil :

Bêbado e lua, que casal bonito,
Bebendo fatuidades na boêmia da noite!

Fragrâncias ácidas de bebedeiras velhas,
Cachaçadas que vêm de longe
Num ciclo de desgraças crepes;
Gloriosamente,
Vitoriosamente apagadas na enxurrada,
Na lavagem do líquido fatídico!
No fundo, há sempre uma comédia
Dramaticamente triste,
Espetros fugidios de uma felicidade breve:
“Esquecer, esquecer” – resposta amarga.

E lá vai ele , gingando, gingando,
Pelo indiferença da calçada solitária,
Com lembranças esfumadas de um lar que é seu
E visões de vergonha a apupar-lhe a mente
Num carnaval íntimo de fantoches diabólicos.

Tropegamente rodopiando,
Ao desequilíbrio da ventania alcoólica.
Gesticulando a aparições fantasmas
Que lhe atravessam a estrada movediça
Lá vai o bêbado da minha rua,
Trôpego, tropicando as pernas langues.
Alguém o espera no tugúrio miserável,
Um anjo talvez, sacrilegamente torturado.
Um anjinho talvez, choramingando
Na tortura ímpia de uma fome de inocente.

E a miséria desdobrando asas negras,
- Águia macabra de mundos negros -
Fecha-os no abraço fatal de soberana.

E lá vai o bêbado romântico,
Trôpego, tropicando as pernas langues,
Esquecido do lar que a águia negra ronda
E dilacera nas garras impiedosas.

Bêbado desprezado,
Eu queria escrever-te um poema bonito.
Mas tudo saiu tão soturno,
Tão triste que nem eu sei se és tu
Que provocas assim tanta melancolia
Ou se é a minha alma que anda bêbada
De tristezas ciganas.

Bêbado de esquinas e bancos de jardins,
Bêbado de horas mortas de arrabaldes,
Bêbado desconhecido de estradas do sertão,
Bêbados das noites hibernais de vento,
Das noites quentes com vaia de estrelas altas,
Nas noites impertinentes de chuva fina,
Eu caminho convosco, de braço,
Com bebedeiras longas na alma incompreendida,
Sorvendo dores na boêmia da vida.

PEREGRINO

Peregrino que vens, em hora morta,
De não sei que distâncias, de que parte,
Levemente bater na minha porta,
Confesso, nada tenho para dar-te.

Nem um leito sequer (e o frio corta)
Onde possas, ao menos, reclinar-te. . .
Ele ergue seu bordão, de novo porte,
E vai sumindo, enfim, na estrada torta...

Na janela fiquei, mudo, tristonho,
Qual se estivesse na ilusão de um sonho,
De um feio pesadelo de terror. . .

De repente senti a alma revolta
Desejando gritar ao pobre: – “Volta,
Leva, ao menos, de esmola, o meu amor!”

PALESTRANDO NA TARDE

Alguém estendeu o véu negrejante
Sobre o cadáver ainda quente do dia
Apagando os contornos da cidade.
As sombras
Agacham-se sobre os telhados do casario.
E ficam espreitando a lua grande
Que vai despontar daí a pouco
Galgando, devagarinho, o céu.
As elétricas, patetas,
Nem vêem que estão sendo indiscretas
Indefinindo a forma dos fantasmas
Agachados por sobre o casario.
As antenas põem “ós” de admiração, no alto
E, de fato, elas mesmas
São pontos esguios de exclamação
Na dúvida das trevas noturnas.

“Ciranda, cirandinha”. . .
“Vintém queimado”. . . .
“Passa, passa, bom barqueiro”...
A gurilândia se movimenta
No reino democrático das calçadas.

No quintal o arvoredado
medita, estático.
Até parece que está com medo

De se mostrar.
Por onde andar a brisa brincalhona
Que o faz cantar ou gemer como sanfona
Ou, em surdina, soluçar?!

- O' de casa?!
- Pode entrar, dona Alegria.
- O' de casa?!
- Pode entrar, dona Tristeza.
- O' de casa?
- Pode entrar, dona Saudade.
Vieram as três.
Mas uma de cada vez.
Veio a Tristeza e foi embora.
Veio a Alegria e foi embora.
Veio a Saudade e não quis ir.
E eu fiquei conversando com a Saudade
Na minha íntima casa de cidade.
Contou-me cousas que eu nem mais lembrava
Do "in illo tempore" da infância.
Então senti inveja daquela criança
Que morava na gurilândia democrática
Da calçada.
E ela perguntou-me se eu queria
Ser de novo criança como aquelas.
Tive vontade de lhe não responder.
Malvada, essa dona Saudade,
torturando a gente assim sem mais nem menos.
- Desculpe, dona, mas essas
Não são coisas de se fazer.

Levou-me, depois, a um longo passeio
Pelo reino encantado
Que existe mergulhado
No lago azul do passado. . .

"Psiu". . . – Quem foi? Alguém?. . .
"Caramba! E que susto me pregou!". . .
Oh! foi a lua, não há dúvida, foi ela,
Que está espiando com seus olhos indiscretos
Por detrás de uma copa pensativa;
Com aquela cara chinesa e amarela
Onde há um sorriso de escárneo
Repuxado nos cantos do boca larga
Que parece que está rindo da gente
E dizendo: – "Pateta, que estás a sonhar?"

Fiquei com raiva e fechei a janela
Bem na cara dela.
Deitado, pus-me a cismar:
É sério, a lua tinha razão
Pois é melhor sonhar dormindo
Do que sonhar acordado,
Porque, dormindo, é apenas sonho,
Acordado, uma ilusão.

PALMEIRAS DO JARDIM

Palmeiras do Jardim, verdes palmeiras,
Tontas de altura azul, fremindo ao vento,
Vossos harpejos são como um lamento
De virgens crucialmente prisioneiras.

Roubadas das florestas sobranceiras,
Da verde solidão de seu portento,
Trouxeram-vos, e, escravas verdadeiras,
Vos fizeram, da pedra e do cimento.

Pequenino, habitei a liberdade
De uma choça campestre e pequenina
No fundo de roceira imensidade.

Depois, tive qual vós a mesmo sina,
Como vós transportaram-me à cidade
- Prisão que me tortura e me assassina.

ANDORINHA SOLITÁRIA

Enquanto pelo céu, ora recua,
O bando, ora em chilreios se avizinha;
Feito uma onda de penas tumultua
E se aquieta, e de novo torvelinha,

Uma delas calada, pobrezinha,
Quiçá abatida por tristeza crua,
Vai pôr-se, como nota sobre linha,
Num dos fios elétricos da rua.

E ali fica, por muito, pensativa,
Imóvel, numa longa expectativa,
Olhitos perscrutando o azul além.

Foi ontem; um moleque, após a chuva,
Matou-lhe o companheiro; hoje é viúva
E está triste porque sofre também.

O PAPAGAIO

Borrifado de sol, na manhã quente,
Aos sopros matinais do vento sul,
O garoto, orgulhosa e alegremente,
Larga o seu grande papagaio azul.

Sente-se eletrizado de contente
Ao vê-lo se librar, no alto, sereno.
De certo lhe há de vir ao pensamento
Um belo e alado sonho extra-terreno.

Soltei, infantilmente, a fantasia
Que fosse doidejar no céu-poesia,
Pincelado de anil, da mocidade.

Mas se improvisam vendavais rugindo
E lá se vai meu papagaio lindo
Ao látigo brutal da tempestade.

BERÇO

Placidamente, ingenuamente lindo,
Dorme o nenê, no esquecimento breve
De um sonho alado, angelical e leve...
É um anjo ou é um nenê que está dormindo?!

Dorme e sonha. Há um rumor macio e infindo
Na espuma dos lençóis que são de neve
Quando sorri. . . e é um anjo que se atreve
Roçar-lhe os lábios ao passar, fugindo.

O berço é um trono que a candura zela
E numa graça angélica e infinita
Em brancuras de penas o reveste.

A inocência, ajoelhada ao lado, vela
O seu rico tesouro que palpita
Na leveza de um sono azul, celeste.

MANHÃ CAIPIRA

Aleluia de sol. Manhã na roça.
Polifonia de aves matinais.
O longínquo rumor de uma carroça
E mugidos amigos nos currais.

O charuto de fumo sobre a choça
Em grisalhas e lentos espirais.
E uma nítida voz, suave e grossa,
Perdida na extensão dos cafezais.

Um perfume de flor de laranjeira,
O riso vegetal da trepadeira,
Cacarejos e pios no quintal.

Um gosto bom e forte de café;
A Cabocla feliz e já de pé
Com o milho no bojo do avental.

SERENATA AMOROSA

Tudo dorme nos braços do quietude
Sob o lívido gaze do luar,
Quando ao longe, da noite na amplitude,
Acorda a serenata a soluçar.

Voz dolorida, misteriosa e rude,
De um conjunto de moços a sonhar.
Almas a quem talvez o amor ilude,
E, põem-se, apaixonadas, a cantar.

Acordai, raparigas do povoado,
Abri as janelas que ela passa, agora,
Pranteando, em cada porta, um lindo fado.

Sois causa dessa música que chora,
E só por vós seu coração magoado
Há de cantar até surgir a aurora.

DIA TRISTE

Temos todos na vida um dia triste,
Um qualquer desses dias que vivemos.
Qual seja a sua razão não o sabemos,
Não sabemos o que é, no que consiste.

É uma tristeza incógnita que temos
Que, ao mesmo tempo, existe e não existe.
Leva-nos, num momento, a seus extremos,
Foge depois, e volta, e em nós persiste.

Não é essa do luto e da desgraça,
Nem a que, nas partidas, nos trespassa,
Nem essa da pobreza e da orfandade .

Imprecisa, profunda, quase doce,
Espezinha-nos a alma qual se fosse
Um espinho profundo de saudade.

EM JUNHO

Passo as férias de Junho pela roça
Numa casa de campo dos avós,
Onde minha alma lentamente possa
Fruir uns dias, esquecida e a sós.

E longe da cidade barulhenta,
Livre das garras férreas do afazer,
Percebo que outra seiva me aviventa
E me transforma inteiramente o ser.

Levanto cedo, quase escuro. Ganho
O caminho que leva ao ribeirão
E, resoluto, salto n'água ao banho
Contratacando o frio e a cerração .

Mas, enquanto, banhando-me, tirito,
E tento disfarçá-lo num falsete,
Um bem-te-vi maroto lança um grito
De escárnio, desfraldando o seu topete.

“Bem-te-vi”. . . e de repente a passarada
Pelas copas, nas cercas, no capim,
Num festivo explodir de gargalhada,
Bandeiras despregadas, ri de mim.

Largo as águas depois, e, saio, a trote,
Sob bruscos arrepios que me mordem.
Pronto, enfim, mangas curtas e culote,
Botas altas, cabelos em desordem.

Faz frio. Boto aos ombros a espingarda.
Não por caça, costume que adquiri.
E saio satisfeito sob a guarda
De um belo cão de fila – o meu Tupi.

Vale em vale, espigão por espigão,
Roça por roça, tudo, enfim, percorro.
Como enormes novelos de algodão
Vai rolando o nevoeiro pelo morro.

Quase sempre a neblina leve e tesa
Envolve o despertar destas manhãs,
Qual se o Inverno cobrisse a natureza
Com suas longas e antiquadas cãs.

F vou seguindo por pastagens, grotas,
Por atalhos e trilhos e caminhos,
Com salpicos de orvalho sobre as botas
E arranhões de agudíssimos espinhos.

Pulam das moitas, céleres e a furto,
As lebres e os nambus, subitamente,
Prumam num vôo rumoroso e curto
Pondo sensacionais sustos na gente.

Às vezes quando é intenso o nevoeiro
Pelos curvas da estrada topo e esbarro
De encontro a um camarada ou um roceiro
Que passam deliciando o seu cigarro.

Respondo-lhe o bom dia com prazer
Pois maior é o prazer deles em dar-mo.
Mais que todos, porém, gosto de ver
Um bondoso africano – o velho Carmo.

Que homem extraordinário numa prosa!
É uma delícia a gente pôr-se a ouvi-lo.
A voz grossa, pausada, melodiosa!
Que gestos calmos e que olhar tranqüilo!

Com ele, como dizem, prosa é mato.
Sabe falar de todos e de tudo;
De passado e presente, pois, de fato,
Jamais o vi, por um momento, mudo.

Outros vezes, por largos carregadores,
Corto a verde extensão dos cafezais
Sob o cantarolar dos lavradores
E o trinado das aves matinais.

Há dias em que um sol louro e brilhante
Rasga as cortinas brancas da neblina
E me oferta o cenário deslumbrante
Do despertar festivo da campina.

Tudo canta e rebrilha num delírio
Por todos os recantos da devesa
Dando a impressão de um pequenino empíreo
Que Deus fez e esqueceu na natureza.

É então que fruo em meio a tanta festa
O saudável sabor de meu passeio,
Compreendendo o viver da roça honesta
E a saúde que jorra de seu seio.

Vêm, todavia, umas tristezas vagas
Já me anuviarem a alma de saudade,
Ao lembrar que deixar devo estas plagas
Pelo sórdido ambiente da cidade.

PEREGRINANDO

Venho de longe. . . por este trilho
Ando já tanto, tristonho e só.
Olha os meus trajes, sou maltrapilho,
Os meus olhares já não têm brilho
E os meus cabelos cobre-os o pó.

Venho de longe. . . que sede louca
Me abrasa, intensa, sem compaixão !
Não tive aonde molhar a boca
E água que houvesse, mísera e pouca,
Continha miasmas em profusão.

Venho de longe, já cambaleando,
Morto de fome (meu Deus que horror!)
Pelo caminho vim esmolando
Mas nada davam ao miserando,
Nem pão havia para o viajor!

Venho de longe! Sob o relento
Das noites frias quanto penar!
E tão brutal chicoteava o vento
Que até as estrelas no firmamento
Se punham todas a tiritar!

Já caminhei jornadas inteiras,
Ao léu da chuva, ao sol andei.
Não me acolheram sombras fagueiras,
E, rotos, tinham tantas goteiras
Os tetos onde me refugiei!

Perdido às vezes por negras matas
Vim tropeçando pelos cipoais.
E na alva queda das cataratas
Em vez de espumas, em vez de pratas,
Só via abismos descomunais.

Desfiladeiros a cada passo
Se escancaravam sob meus pés.
E serpes longos, cortando o espaço,
Me ofereciam mortal abraço
No longo abraço de seus anéis.

E nessa luta, sempre guerreando,
Exausto e roto, cheguei aqui
Já agonizante, senão eis quando
Sobre o horizonte, no céu brilhando,
Estrela d'alva te descobri.

E aos meus olhares onde só havia
Trevas, pavores em confusão,
Foi como aurora de um lindo dia,
Luz para o cego que se batia
Na sua tétrica escuridão.

Depois, seguindo, passos incertos,
Ao clarão doce desse farol,
Eu fui fugindo de tais desertos
Para cair nos braços abertos
Do teu amor – suave arrebol.

Encontrei nele quente agasalho,
Matei a fome do meu sofrer.
E para a sede encontrei orvalho,
Para os meus passos achei atalho,
Nada me resta mais a querer.

O RIACHO

Esse que vês aí batido trilho
Serpenteando na relva, morro abaixo,
Vai terminar às margens do riacho,
De clara fonte liquefeito filho.

No manso leito, murmurando baixo
Que mal se lhe ouça o tímido bisbilho,
Desce, beijando, num feliz idílio,
As flores marginais, pendendo em cacho.

Depois de encher as barrigudas tinas
Das boas lavadeiras tagarelas
Com a prata das águas cristalinas,

Vai rebrilhar ao sol, no pasto, em poças,
E, atravessando cercas e pinguelas,
Perde-se, após, em matagais e roças.

SOB O POMAR

Mansuetudes de sombras,
Gostosuras de alfombras,
Pomar.
Sonolentos
Espreguiçamentos,
As ramas bocejadas pelo vento,
Sestear.
Indolências de redes;
Faíscas as paredes
Ao sol.
Galgando um tronco,
Paciente e bronco
E preguiçoso,
Vai subindo, riscando um traço
Luminoso,
Um lerdo caracol.

Ginga, ginga e balança,
A rede mansa,
Negligente.
Lenga-lenga de galinhas indolentes
Alongando sonolências molengas, longas,
Oblongas,
Exangues,
Violentas e langues,
Na gente.

Sonolência abismal,
Dominical,
Modorra de mormaço;
Languidez de pupilas
Tranqüilas,
Cansaço.
Encolhe uma das pernas, larga um braço.
Fantasmas que esvoaçam,
Se adelgaçam,
E somem.
Distâncias que afundam,
Que abismam, que inundam,
O homem.

Boceja . Abandono
No vácuo do sono
Por fim.
E saem dentre as copas
Lamúrias de notas
De um triste sem-fim.

RECALCAMENTO

- I -

Sob a estúpida sola dos sapatos –
Surdos e brutos como o mesmo dono –
Inconscientes, os dois, dos próprios atos,
Cegos de empáfia, bêbados de entono;

Sob a imbecilidade e os desacatos
(De bárbara corrida no abandono)
Das rodas das carroças e dos autos,
Triturando, bestiais, teu pétreo sono;

Pedra bruta da rua eu te compreendo;
Compreendo teu marmóreo sofrimento,
Porque se iguala, tristemente horrendo,

O meu viver com a existência tua;
Pois quantas vezes, de querer isento,
Tenho sido infeliz pedra de rua!

- II -

Eu tenho sido... e continuo a sê-lo.
Mas chegará o momento da vitória,
Brevemente, pois guardo em meu cabelo
Aquela força do Sansão da História.

E hás de assustar-te ante o mortal novelo
Dessa luta, da qual não há memória,
Que travarei contra os canalhas, pelo
Alcance de um lugar ao sol da glória.

Tu não podes, eu sei, porque és inerte,
Sacudir o imbecil que se diverte
Mastigando-te o dorso, ferozmente.

Mas eu tenho uma força que me atiga -
A força espiritual – contra a injustiça
De quem não nos compreende e não nos sente.

PER ÁS PERA...

Passou a enchente sobre a minha vida !
E, ao léu rodando da brutal enchente,
Fui ter a uma região bem diferente
Da que era por meu sonho apetecida.

Vales e montes, sucessivamente,
Remansos da paisagem colorida
Se perderam ao longo da corrida
Em desfeitas visões na triste mente.

E este lugar para onde a água me trouxe
Nada tem de beleza e de alegria,
Nada tem de encantado nem de doce.

Paira sobre ele densa névoa fria;
A luz dos horizontes apagou-se
E a solidão me abraça e me asfixia.